

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

MATEUS KOELZER

**A PARTICIPAÇÃO DA FONTE NA CONTRUÇÃO DA NOTÍCIA:
O Caso Estúdio I**

**São Leopoldo
2020**

MATEUS KOELZER

**A PARTICIPAÇÃO DA FONTE NA CONTRUÇÃO DA NOTÍCIA:
O Caso Estúdio I**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Marocco

São Leopoldo
2020

K77p

Koelzer, Mateus.

A participação da fonte na construção da notícia: o caso Estúdio I/ Mateus Koelzer. – 2020.

119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Marocco”.

1. Fonte. 2. Estúdio I. 3. Produção. 4. Produtores. 5. Jornalismo. 6. Telejornalismo. 7. Televisão. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

À Clarice Koelzer, por sempre acreditar em mim e apoiar todos os meus sonhos e minhas decisões.

Ao Gastão Arthur Koelzer (em memória), pela garra e luta.

À Therezinha Zulmira Gerhardt (em memória), pela sabedoria repassada e pelo amor incondicional.

À Luciana Koelzer que, mesmo distante, sempre trouxe alento para os dias mais turbulentos.

Ao Valmor Gerhardt, pelo suporte e pela confiança.

AGRADECIMENTOS

Um sonho que se concretiza. Desde a minha formação em jornalismo, sempre almejava continuar meus estudos. A aprovação no processo seletivo do Mestrado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação, na linha Linguagem e Práticas Jornalísticas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), foi uma vitória na minha vida.

Lembro exatamente do período em que comecei a escrever o projeto; eram tantas dúvidas, havia ficado tanto tempo longe da sala de aula. Só tinha uma certeza: a de que queria retornar para esse universo. Os mais de dez anos atuando como repórter televisivo haviam feito desse jornalista um profissional que sentia a necessidade de buscar mais conhecimentos. Foram momentos de luta. Para poder estudar, foi preciso abdicar de muitas coisas; amadurecer, conciliar a rotina corrida da televisão com as aulas durante as tardes. Trocas de horários, conversas com gestores, estudos, amizades, partilhas. Em troca, muito conhecimento.

O primeiro ano foi incrível, não existem palavras que possam mensurar tamanha felicidade. O cansaço aparente das madrugadas fechando os programas na TV e as viagens para São Leopoldo foram compensados. O esforço para inscrever os projetos em seminários e congressos no estado e fora desse também me ajudaram a crescer enquanto pesquisador. O desafio se tornou ainda maior no segundo ano do programa, quando fui transferido para trabalhar no Rio de Janeiro.

Quero agradecer – imensamente – tudo que aprendi aos meus queridos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, principalmente à coordenação do PPGCOM.

À minha querida orientadora – Prof. Dr^a. Beatriz Marocco: exemplo de profissional e pesquisadora que me incentivou nesta importante etapa da minha vida

À professora Marcia Veiga que – com sua sabedoria e leveza – deixou muitos momentos mais agradáveis sem renunciar ao rigor no trato do conhecimento.

Às duas, do fundo do meu coração, minha gratidão.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar, além do papel das fontes jornalísticas na contemporaneidade, as relações, os tensionamentos, os ruídos e principalmente como as novas plataformas tecnológicas têm ajudado os jornalistas na construção das notícias. Para tanto, escolheu-se como objeto de pesquisa o programa *Estúdio I*, da Globo News. A justificativa para a escolha desse objeto repousa na possibilidade de ter contato com diferentes práticas jornalísticas que envolvam as relações com as fontes, bem como perceber – *in loco* – como os recursos tecnológicos utilizados na revista eletrônica contribuem para o fazer jornalístico. Com inspiração etnográfica, esse estudo foi desenvolvido a partir das técnicas de observação participante junto às rotinas produtivas em uma edição ao vivo do programa. Na tentativa de contemplar uma discussão sobre fontes de informação utilizamos, por um lado, aportes teóricos acerca da construção do conceito e de tipologias; por outro, os críticos desta função jornalística voltados ao jogo de interesses entre jornalistas, fontes e a sua profissionalização. A partir da análise dos dados obtidos na observação dos processos produtivos, percebeu-se que, mesmo que o programa *Estúdio I* possua um formato diferente dos demais programas exibidos pela Globo News, a utilização das fontes pelos depoimentos, edição de falas e imagens, não ocorre de maneira diferenciada. Apesar de já haver sido identificada a evolução na linguagem da TV, constatamos que nada disso fará diferença sem que haja uma participação mais efetiva do público no que tange à concessão e apropriação de novas informações para o programa. A teoria do jornalismo revela que sem as fontes não há notícias; portanto, como se percebem mudanças estruturais nos programas no que diz respeito à linguagem, precisamos contemplar alterações que permeiem o universo das fontes e que essas se constituam como potenciais agentes de construção da informação.

Palavras-chave: Fonte. Estúdio I. Produção. Produtores. Jornalismo. Telejornalismo. Televisão.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze not only the role of journalistic sources today, the relations, tensions, and noise in journalism, but mainly how new technological platforms have helped journalists build news. Thus, the object of our study is the show *Estúdio I*, on Globo News (Brazil). The justification for choosing this show is the possibility of having contact with different journalistic practices involving relations with sources, as well as observing – *in loco* – how technological resources used in electronic magazines contribute to producing journalism. Inspired by ethnography, the present research was based on participant observation techniques of the production routines of an edition of the live show. The discussion of sources of information made use of theoretical intake regarding the construction of the concept of typologies, on the one hand; and criticism of journalism directed to the self-interests of journalists, sources, and professionalization, on the other hand. Based on the analysis of data obtained from observing productive processes, one can see that though *Estúdio I* presents a different format from other shows broadcast by Globo News, the use of sources in interviews, and the edition of utterances and images, does not result in a format that stands out. Although the evolution of TV language has already been identified, we realized that none of this will make any difference without a more effective participation of the public regarding the concession and appropriation of new information for the show. Journalistic theory states that without sources there is no news; thus, since structural changes concerning language in shows can be observed, changes in the universe of sources must also be considered, and these sources should become potential agents in the construction of information.

Keywords: Source. Estúdio I. Production. Producers. Journalism. TV Journalism. Television.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Enquete realizada para saber a opinião em relação ao desarmamento	23
Figura 2 – Bastidor mostra a estrutura e os novos equipamentos televisivos..	24
Figura 3 – Características da revista eletrônica descritas no site GloboNow...	25
Figura 4 – Corredor principal próximo a redação da Globo News no Rio de Janeiro	35
Figura 5 – Abertura do Programa Estúdio I com a participação ao vivo do repórter falando sobre o Anuário de Segurança Pública.....	38
Figura 6–Participação de Heloisa Carmona por Skype (um dos recursos tecnológicos do programa) para falar sobre a festa de quinze anos e sobre a hidrocefalia	40
Figura 7 – Maria Beltrão expondo aos convidados e telespectadores a polêmica envolvendo o Museu de Arte do Rio	41
Figura 8 – Marcelo Lins comentarista questiona a autoridade do prefeito Marcelo Crivella.....	42
Figura 9–Atrás do comentarista e escritor Artur Xexéo está a “Janela Interativa” onde aparecem comentários e opiniões dos telespectadores que participam da discussão	42
Figura 10 –O diretor da escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ em depoimento ao vivo no programa via Skype.....	43
Figura 11 – Correspondente internacional, em Paris, ao vivo em frente ao Museu d’Orsay fala sobre campanha que busca levar crianças para os museus	45
Figura 12 – Um dos cartazes que fazem parte da campanha dos museus franceses. Na tradução “Leve seus filhos para ver pessoas nuas”	46
Figura 13 – Hugo Vidal encaminhou um vídeo através do aplicativo “NA RUA”. O registro foi feito no carnaval de Pernambuco	53
Figura 14 – A colaboradora Adelayre Gonçalves Oliveira mostra a festa na Avenida Vitória, no Centro do Espírito Santo, ES	54
Figura 15 – Segundo a Globo NEWS, o aplicativo “NA RUA”, é mais uma forma que o telespectador pode mostrar a realidade dele no canal.....	55

Figura 16 – Foto do Switcher onde o programa é controlado ao vivo. Enquanto o programa está no ar a produção fica atenta as diferentes plataformas tecnológicas que permitem a interação do telespectador com o Estúdio I.....	56
Figura 17 – Na Janela Interativa, além de notícias factuais, aparecem os twitters dos assinantes da Globo News. Essa tela integra o novo estúdio do programa.....	57
Figura 18 – No dia da observação, o programa Estúdio I foi pautado por assuntos factuais. A participação do telespectador não ocorreu. Apenas integraram o programa a mesa de comentaristas e repórteres ao vivo	58
Figura 19 – Após as entradas realizadas por Skype por brasileiros que estavam no local, a produção conseguiu dar continuidade a cobertura com um repórter da emissora.....	59
Figura 20 – Abertura do primeiro bloco do programa Estúdio I. A apresentadora Maria Beltrão introduz o assunto ao telespectador	63
Figura 21 – Matéria publicada no Portal G1 é utilizada como destaque no programa para explicar a polêmica ao telespectador. A imagens do produto ficou por alguns segundos na tela para ilustrar o caso	64
Figura 22 – Via Skype, ao vivo de São Paulo, Denise Noronha Hernandez, vice-presidente do Conselho Regional de Nutricionistas SP-MS defende porque é contrária ao projeto de lei do governo de São Paulo.....	65
Figura 23 – Eloisa Arruda, Secretaria Municipal de Direitos Humanos de São Paulo, ao vivo, via Skype defende a proposta de composto alimentar	67
Figura 24 – Mesa composta para a entrevista sobre a discussão de composto alimentar não utiliza recursos tecnológicos para a participação dos telespectadores.....	70
Figura 25 – Bastidores do programa ao vivo. Neste dia 16 de outubro de 2017 o telespectador não participou do programa. Na foto aparecem os recursos tecnológicos que poderiam ser utilizados pela produção da revista eletrônica	71
Figura 26 – No início do bloco, a apresentadora Cecília Flesh cedeu espaço para os assinantes participaram do programa pelas plataformas tecnológicas	73
Figura 27 – A apresentadora recorre a Janela Interativa para ler os comentários dos telespectadores do Estúdio I que participam do programa pelo Twitter	74
Figura 28 – Nessa edição do programa a Janela Interativa foi bastante utilizada. Uma forma de trazer a opinião dos assinantes para o debate	75

Figura 29 – Durante o programa Estúdio I, a produção exibiu o vídeo que circulou pelas redes sociais e gerou polêmica sobre o Museu de Arte Moderna em São Paulo.....	76
Figura 30 – Nota de esclarecimento do Museu de Arte Moderna de São Paulo publicada nas redes sociais ficou em destaque para que a apresentadora pudesse lê-la na íntegra.....	77
Figura 31 – Outra participação de um assinante contrário a exposição em São Paulo	78
Figura 32 – Comentarista do Estúdio I é contrário à exposição do MAM em São Paulo	79
Figura 33 – Participação do médico e comentarista, Luiz Fernando Correa, durante o programa Estúdio I.....	79
Figura 34 – O comentarista Marcelo Lins. O único dos entrevistados que – durante o programa – justificou compreender a exposição.....	80
Figura 35 – Durante a entrevista realizada – via Skype – algumas falhas técnicas comprometeram a audição e visibilidade do diretor-executivo do Instituto Inhotim	81
Figura 36 – Polêmica entre internautas envolvendo o MMA é destaque durante o programa Estúdio I. Redes sociais são consultadas pela produção da revista eletrônica.....	82
Figura 37 – No canto esquerdo do vídeo, é possível ver o cinegrafista que – mal orientado pelo diretor de imagens – deixa vaziar a câmera durante o programa ao vivo.....	84
Figura 38 – Nova estrutura do programa Estúdio I. O Espaço é exclusivo para a revista eletrônica. No local, nenhum outro programa é gravado	88
Figura 39 – Parte da Equipe que produz o Programa Estúdio I em reunião de pauta	91
Figura 40–Janela Interativa espaço de interação dos telespectadores do programa.....	92
Figura 41 – Pré-produção da Janela Interativa. Todo o conteúdo é revisado pelo produtor antes de ser exibido durante o programa.....	92
Figura 42 – Maria Beltrão e o time de comentaristas durante o programa Estúdio I durante a pesquisa do Mestrado	110

Figura 43–Tecnologias disponíveis para facilitar a interatividade com o telespectador. Mais espaço também para os cinegrafistas e auxiliares técnicos circularem pelo estúdio 111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A PROBLEMATIZAÇÃO E A QUESTÃO DO NOVO FORMATO TELEVISIVO	18
1.2 OBJETIVOS	22
1.3 OBJETO	23
2 METODOLOGIA	29
2.1 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3 DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE FONTES	95
3.1 AS FONTES: O ACESSO AO CAMPO JORNALÍSTICO E AS ROTINAS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	98
3.2 AS MÍDIAS DAS FONTES	100
3.3 JORNALISMO EM REDE: EPISÓDIOS TELEVISIVOS AO VIVO	104
3.4 A APRESENTADORA, MARIA BELTRÃO	108
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116

1 INTRODUÇÃO

O contexto do século XXI ampliou e facilitou o acesso à informação e a agilidade de difusão do conteúdo. Contudo, essa nova realidade exige uma reflexão acerca da confiabilidade dos dados recebidos e da relação que é estabelecida entre o jornalista e a sua fonte.

Apesar do frenético ritmo do mundo contemporâneo, as pessoas necessitam e desejam estar informadas. Para atender a essa necessidade ou a este desejo, as emissoras precisam se adequar às demandas; o que – por consequência – exige, dos profissionais, competência e desempenho para atender a telespectadores mais críticos e vorazes, que dispõem de inúmeras ofertas de canais de conteúdo.

No impreciso mundo que cobra agilidade dos profissionais, é preciso adotar métodos de trabalho que não negligenciem a credibilidade. Diante desta realidade, refletir acerca do presente tema poderá trazer contribuição não apenas para a academia, como, também, para o mercado, posto que as práticas jornalísticas contemporâneas, em constante efervescência, buscam a melhor forma de adaptação aos meios, processos e públicos.

O desejo da pesquisa nasceu durante a vivência profissional onde percebi barreiras e – constantemente – dificuldades para a execução das atividades jornalísticas. Nas rotinas produtivas dos telejornais, somos executores de tarefas, cobrados com extrema exigência; nesse estudo, pretendemos abordar a dinâmica dos processos jornalísticos que interferem nas práticas de trabalho, já que há um tensionamento entre o que ocorre entre a teoria estudada nos cursos de jornalismo e a prática profissional. Nem sempre, com a demanda de trabalho, conseguimos atender aos preceitos básicos que norteiam o jornalismo televisivo; o tempo é fator preponderante nas redações e – consequentemente – nas rotinas produtivas. Além do deslocamento até o local das marcações das externas, das gravações e da edição do material, o jornalista necessita estar atento à produção e edição final da sua matéria. O *deadline* exige extrema atenção do profissional; não raramente, influencia os caminhos que são estabelecidos durante a construção da notícia.

Desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, senti-me motivado, desafiado, mas também com uma espécie de

receio sobre os caminhos que um pesquisador iniciante deveria percorrer. Na verdade, eu não sabia, mas estava prestes a imergir em um campo de saberes muito subjetivo.

Durante a pesquisa, realizei uma observação das rotinas produtivas de todos os profissionais que atuam no programa *Estúdio I*, da Globo News¹. As entrevistas executadas com produtores e editores contribuíram para a questão central desse trabalho que é – de fato – compreender como os jornalistas se apropriam das informações repassadas ou divulgados pelos telespectadores durante o programa; de que forma os profissionais da comunicação cedem espaço de fala para esses interlocutores; como as informações são divulgadas pelos jornalistas.

A partir dessa perspectiva, conseguimos perceber uma apuração feita, em grande parte, sem que se saia da redação. Na medida que as tecnologias são utilizadas para contribuir para as práticas jornalísticas, percebemos – também – que essa inovação tende a facilitar o acesso às notícias, também pode prejudicar a construção na medida que coloca em questão a veracidade da apuração; não há como o jornalista estar presente no local do fato. Portanto, a credibilidade pode ser um fator de risco quando os profissionais ficam à mercê de informações coletadas neste ambiente. Com apuração feita em grande parte sem sair da redação, priorizando recursos tecnológicos, essa atitude revela o quanto – acentuadamente – essa prática cerceia opiniões de telespectadores, impedidos que ficam de contribuir com a discussão mais aprofundada dos conteúdos jornalísticos.

Outro aspecto evidenciado foi uma manipulação dos conteúdos exibidos pela direção do programa. Essa prática foi observada desde a reunião de pauta onde determinados assuntos encaminhados pelos telespectadores são elencados para a exibição. Tudo que chega pelas plataformas digitais para o Estúdio I e tem interesse para a edição do programa recebe uma atenção editorial. Na medida que o programa começa a ganhar o formato, a participação dos telespectadores, na revista eletrônica, pode ter menor impacto: muitas falas, vídeos e opiniões são descartados; sem que se possa entender a lógica, outras recebem menos destaque.

¹<https://g1.globo.com/globonews/>

Esse fator referido acima revela que os telespectadores são importantes até determinado momento. Percebemos que, em assuntos mais polêmicos e onde o alcance a informação é mais difícil, o espaço cedido e direcionado às informações que chegam através do público, é maior.

Embora possa soar contraditório, o jornalismo – em sua essência – sempre preconizou a objetividade e a clareza. Mas, como discutido em sala, durante a pós-graduação, há algumas mudanças na forma de construir as notícias; neste momento, observamos elementos que revelam a predominância da heteronormatividade no segmento, por exemplo, no Estúdio I. Na mesa redonda, os comentaristas são predominantemente homens: o elenco que aparece no vídeo é praticamente formado por homens o que revela umarealidade: o jornalismo, ainda é – majoritariamente – gerenciado por homens.

O retorno para o campo científico-acadêmico mostrou-se amplo e surpreendente. As diferentes metodologias de pesquisas existentes no jornalismo permitem que pesquisadores tenham experiências capazes de confrontar conceitos, dilemas, suposições e, acima de tudo, possamos articular conteúdos que agreguem novas perspectivas para os trabalhos.

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o “possível” para ele. (GOLDENBERG, 1997, p. 13).

Difícilmente podemos estabelecer ou adotar uma regra concisa ou taxativa que diga: esse é o método de pesquisa que irá nortear nosso trabalho. Antes de mais nada, é preciso compreender e analisar o objeto a ser estudado a fim de visualizar as perspectivas da pesquisa e quais os novos legados que o trabalho produzido pode proporcionar ao universo acadêmico. “A pesquisa é compartilhamento, ainda que isso, nem sempre, se dê a ver, entre leitor, intérprete, autor, estudioso, pesquisador, professor, tradutor, cientista, artista. Aprende-se, ao fazer, com o outro.” (HISSA, 2013, p.17).

A tarefa é árdua. Um processo “mutante”. Ao longo da pesquisa, ouvimos relatos de pessoas que – no decorrer de suas dissertações ou teses – mudaram seus métodos, reconstruíram seus trabalhos e, com um olhar mais

crítico, sensível e apurado entenderam que seria necessário rever conceitos para as devidas adequações.

Na medida que as novas plataformas tecnológicas e os processos culturais exercem mudanças no meio jornalístico, a produção desta pesquisa fez retornar para um antigo anseio de nossa vivência profissional. Nela nos deparávamos com dificuldades durante as rotinas produtivas dos telejornais. Neste cenário comunicacional hiperacelerado, fluido, dinâmico e multifacetado o papel do jornalista se reconfigura. O novo ambiente de trabalho estabelecido requer novos comportamentos e exige também um posicionamento diferente para a adequação dessas novas tendências. O avanço tecnológico e os processos culturais influenciam as práticas.

E a TV não é mera observadora dos fatos. Por trás de uma câmera, está o olhar de um cinegrafista; a matéria é uma história, contada pela ótica do repórter; na edição o jornalista faz escolhas, optando por uma e não por outra cena, por esse e não aquele trecho da resposta do entrevistado. TV é edição, é recorte, é fragmento. (PICCININ, 2006, p. 156).

Nota-se, em alguns exemplos de notícias televisivas, que as fontes oficiais já emitiram informações falsas. São falas reproduzidas sem a citação de estudos científicos, ou com aval de segmentos oficiais. A facilidade de recorrer às fontes oficiais revela o que alguns teóricos reforçam há muito tempo: a conveniência e a facilidade para seu acesso tornam o jornalista refém de uma opinião dada como correta. Outro aspecto é que essa fonte se aproveita do espaço concedido pelas emissoras para propagar suas informações, o que corrobora a necessidade de cautela na apuração e checagem dos fatos.

Em contrapartida, há uma lógica transmidiática implícita a esse processo, como aponta Jenkins (2009) em cuja obra diverge do que observamos em alguns momentos da pesquisa.

Em agosto de 2005, o ex-vice-presidente democrata Al Gore ajudou a lançar um novo canal de notícias na TV a cabo, o Current. O objetivo declarado do canal era incentivar a participação ativa dos jovens como jornalistas cidadãos; a intenção não era de que os espectadores apenas assistissem à programação do Current, mas também participasse de sua produção, seleção e distribuição. Nosso objetivo é dar voz aos jovens, é democratizar a televisão. (JENKINS, 2009, p. 322).

A citação ajuda a refletirmos de outra forma sobre o jornalismo televisivo. Os programas estão atentos e com a participação de telespectadores, assinantes e usuários que consomem o conteúdo pela internet. Essas ferramentas tecnológicas permitem o que Jenkins (2009) preconiza: a participação efetiva das pessoas na construção das notícias na TV e, conseqüentemente, na democratização do meio televisivo que passa por uma transformação.

A televisão já não é a mesma. Com a expansão da internet percebe-se que o público alterou também seu comportamento em relação ao consumo das notícias. No telejornalismo o que presenciamos é um momento de mudanças, adaptações também de acertar a forma correta de noticiar sem esquecer os elementos fundantes do jornalismo. Beatriz Becker (2016) aponta as principais mudanças da televisão e do telejornalismo. Em sua obra, podemos entender os desafios que enfrentamos ao interagir com as mídias emergentes e com suas audiências na cultura digital. Uma nova ordem se configura na comunicação.

A maneira como se passa a assistir TV também provoca desdobramentos no mercado, porque provedores de conteúdo *on demand* disputam a atenção das audiências, o que tende a transformar o valor do break comercial, a estrutura vertical da programação das emissoras e a própria noção do fluxo televisual. (BECKER, 2016, p. 12).

Como refere a autora, o momento ainda é de dúvidas; não somente a crise no impresso tem levantado uma série de questionamentos pelos profissionais e pela sociedade; a televisão – igualmente – passa por um período de incertezas. O consumo dos telejornais já, há alguns anos, está disponível em outras plataformas; canais por assinatura dominam mais espaços. Soma-se a essa realidade o fato de pessoas comuns estarem assumindo voz ativa e reportando notícias por meio de celulares, contribuindo para que o cenário de atuação dos jornalistas também seja outro.

Para pensar o telejornalismo, é preciso antes considerar também as mudanças do jornalismo, marcadas por ambivalências na atualidade, os desafios impostos pelos usos das tecnologias digitais e pelas redes sociais, a sua própria natureza e a necessidade de renovação de sua estrutura discursiva. (BECKER, 2016, p.15).

1.1 A PROBLEMATIZAÇÃO E A QUESTÃO DO NOVO FORMATO TELEVISIVO

A pergunta que norteava a presente pesquisa era “Como selecionar fontes jornalísticas adequadas ao contexto, assegurando a credibilidade e atendendo à exigência de agilidade?”. No avanço dos estudos, o problema foi recentrado na questão em “Como as fontes jornalísticas que participam do programa contribuem para construir a notícia?”. Entendemos que qualquer agente –que de alguma forma – interage durante o programa, exerce influência no conteúdo jornalístico. Seja por Skype, seja por Twitter, telefone ou e-mail, é fonte de informação.

Desde sempre, a fonte jornalística foi considerada primordial para a execução do trabalho na comunicação. Em décadas passadas, o jornalista necessitava de mais tempo para ter acesso a ela; a partir do início deste século, o acesso às fontes ficou mais fácil, considerando os recursos tecnológicos à disposição dos profissionais da área, que lhes permitem obter mais rapidamente as informações desejadas. Em contrapartida, essa nova realidade exige um maior cuidado acerca da confiabilidade dos dados recebidos e da relação estabelecida entre o jornalista e o entrevistado. Em alguns casos, os repórteres utilizam meios mais fáceis para a obtenção de respostas sendo prática comum vermos repórteres que não deixam as redações: valem-se de recursos tecnológicos para a mediação com as fontes, como por exemplo, o telefone ou o e-mail.

Ao mesmo tempo que essa prática traz facilidade à obtenção de respostas e celeridade ao seu trabalho, tais opções podem ser consideradas perigosas, tendo em vista o distanciamento estabelecido com a fonte. É importante ressaltar também que – no jornalismo televisivo – o tempo para a exibição das matérias é mais curto do que em outros veículos de comunicação. Entende-se que o conteúdo a ser exibido deve atender plenamente às expectativas do telespectador, trazendo o máximo de informações relevantes; portanto, é exigido do profissional uma capacidade de selecionar e estruturar de forma concisa todo o conteúdo.

Conforme já mencionado, o contexto do século XXI ampliou e facilitou o acesso à informação e a agilidade de difusão do conteúdo. Inicialmente, o

presente estudo focava as fontes jornalísticas do século XXI, com o objetivo de analisar a importância delas ao longo do processo de construção da notícia televisiva bem como o impacto das notícias na sociedade. Apesar do frenético ritmo do mundo contemporâneo, as pessoas necessitam (e desejam) estar informadas.

No impreciso mundo contemporâneo, que cobra agilidade dos profissionais, é preciso adotar métodos de trabalho que não negligenciem a credibilidade. Refletir acerca do presente tema contribui não apenas para a academia, como, também, para o mercado, posto que as práticas jornalísticas, em constante efervescência, buscam a melhor forma de adaptação aos meios, processos e públicos. O problema original que norteava nossa pesquisa perdeu espaço em função de uma nova realidade. Entendemos que, ao longo da pesquisa, seria necessário focar mais no estudo de caso do programa *Estúdio I*, para – posteriormente – discutir o que havia sido concebido como problema no projeto.

Com as reflexões oportunizadas nas disciplinas cursadas durante o primeiro ano do mestrado, percebemos que o presente estudo necessitava de algumas adequações. Como o jornalismo e o telejornalismo vivem um momento de mudanças claras e rápidas, requerem que aceitemos esses desafios; um deles diz respeito aos noticiários televisivos em um momento em que a era tecnológica assume um papel relevante. “Os cidadãos começam a construir com a televisão e os telejornais registros da realidade social que constituem a memória coletiva.” (BECKER, 2016, p.12).

Essa afirmação feita por Becker revela uma mudança de comportamento na vida de quem está frente à tela. Entendemos que o público além de contribuir com o trabalho dos jornalistas altera uma cadeia de produção. Se anteriormente a rotina do repórter era de consultar fontes jornalísticas, atualmente esse trabalho é feito ainda mais distante, por interface de meios tecnológicos, agora nos deparamos com mais informações que chegam do cidadãos comuns.

É importante ressaltar que a incorporação de novas técnicas no trabalho dos jornalistas altera também a realidade da população. Na medida em que o redator dispõe de mais informações que chegam até ele, o resultado final da construção da notícia será diferente: essas podem dar mais força, veracidade

ou levantar questionamentos para o telespectador, na medida que outros elementos passam a constituir o nível jornalístico.

A produção desse trabalho não decorre somente de leituras de obras científicas que revisam a relação entre jornalismo e fonte, mas também das preocupações enquanto repórter televisivo. O problema de pesquisa nasce de uma vivência profissional na qual – em alguns momentos – enfrentamos dificuldades nas questões cotidianas. Nas rotinas produtivas dos telejornais, somos executores de tarefas, mas neste estudo buscamos compreender a dinâmica dos processos jornalísticos que exercem forte influência nas práticas de trabalho.

O programa a ser estudado – o *Estúdio I* – é uma revista eletrônica, um programa jornalístico de entrevistas, debates e comentários que procura mesclar informalidade e informação, sendo exibido de segunda a sexta-feira, das 13h às 16h (horário de Brasília) na GloboNews. Tem a apresentação da jornalista Maria Beltrão e conta com a participação de comentaristas que se revezam diariamente, ao vivo, no programa, além de participações especiais eventuais. A revista eletrônica também já foi exibida pela TV Globo, no extinto Espaço Globo News. O programa também é exibido na Globo Internacional para 157 países.

O programa tem um viés mais dinâmico em relação aos demais programas da grade. Sua proposta enquanto formato contempla, em determinados momentos, pautas mais leves e de cunho cultural; a participação dos comentaristas ou entrevistados – em sua grande maioria especialistas que aprofundam as temáticas – acontece diariamente, sendo esses responsáveis por debater diferentes assuntos. Nesse sentido, entendemos que além da participação da jornalista/apresentadora e demais convidados, existe um forte engajamento de outros participantes que também passam a ser elementos na construção da notícia: o público.

Tais elementos constituem um jornalismo em que o público que acompanha o *Estúdio I* quer se mostrar presente ao vivo: telespectadores que buscam interagir com os assuntos discutidos. Temas polêmicos e que afetam o cotidiano das pessoas normalmente são os que recebem mais atenção; por exemplo, debates que envolvem questões políticas e de cunho social ganham mais espaço na revista eletrônica, predominando a abordagem de opiniões

divergentes. O formato do programa contribui para uma informalidade e construção da notícia em tempo real devido às facilidades e aos benefícios concedidos pelos aparatos tecnológicos. Precisamos compreender de que forma a participação das pessoas durante o programa pode alterar ou contribuir com a construção da notícia. Podemos considerá-las como fontes jornalísticas?

A questão reflete uma mudança no telejornalismo. Atualmente utilizamos mais a opinião do público; neste caso, é o telespectador. Os jornalistas, nas redações, – com auxílio das plataformas tecnológicas –valem-se de opiniões, falas, imagens e discussões que são trazidas por ele; portanto, o acesso mais imediato sem a necessidade de deixar o espaço físico contribui para o alcance dessas informações que passam a fazer parte da notícia.

Os programas televisivos exibem as reportagens em um novo formato com a contribuição de pessoas “comuns”. Uma exemplificação está na participação de brasileiros que moram em outros países e diariamente participam do programa *Estúdio I*. Eles exercem um papel importante trazendo informações diretamente do local onde os fatos ocorreram, o que nem sempre é possível de ser executado por jornalistas que estão aqui no Brasil. Não que a notícia não possa ser apurada, mas eles ajudam a trazer um detalhamento e informações, que em alguns momentos também é seguida de opinião.

Muitos correspondentes internacionais utilizam o espaço no programa para além da notícia reportada emitindo opinião sobre o que estão vivenciando no país enquanto jornalistas. Como exemplo, podemos citar um crime de um terrorista que com um caminhão de 19 toneladas com semirreboque invadiu a celebração do Dia da Bastilha, passou sobre a multidão em Nice – na França –, matando 84 pessoas. O fato aconteceu no dia 14 de julho de 2016. Durante o programa, a produção conseguiu entrevistar ao vivo moradores brasileiros que estavam no local no momento da tragédia que passam a estabelecer uma conexão com o programa que rapidamente se apropriou das informações. Não só eles, mas os repórteres que estavam lá também ambientavam da situação vivenciada no momento com depoimentos informais do que estavam vendo no local do fato.

Embora a distância geográfica seja considerável, os aparatos e recursos tecnológicos permitem que o recebimento, a checagem e as atualizações sejam feitas. Segundo Becker (2016), “As práticas jornalísticas imersas nas

tensões da modernidade refletem antagonismos em suas representações de acontecimentos, mas também intervêm nas disputas de enunciações de atores sociais distintos.” (p.19).

Vale destacar que para que este processo seja executado rapidamente precisamos elencar outras premissas. Tão grande é a importância das informações televisivas que a economia nela investe pesado. Dados revelados pelo Ibope Mídia mostram que o setor publicitário investiu 121 milhões de reais (aproximadamente 55 milhões de dólares) nos meios de comunicação em 2014. Esses valores representam um aumento de 7,6% em relação ao ano anterior.

Ainda, referente a esse crescimento, podemos destacar uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nela se comprovou que o acesso à internet em domicílios chegou a 85,6 milhões de brasileiros, o equivalente a 49,4% da população, já havia uma expectativa de que o Brasil poderia chegar a quarta posição no ranking mundial de acessos à internet 2015.

1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar, além do papel das fontes jornalísticas na contemporaneidade, as relações, os tensionamentos, os ruídos e – principalmente – como as novas plataformas tecnológicas têm ajudado os jornalistas na construção das notícias.

Para isso, pretendemos compreender como – neste novo formato que os programas estão operando – as fontes podem contribuir com o fazer jornalístico. Como elas ajudam a construir a notícia no dia a dia. A agilidade oferecida pelas novas tecnologias pode ser um elemento fundamental ou ainda necessita que a fonte esteja disponível e propensa a articular sobre o assunto em destaque? Além disso, é preciso compreender como se estabelecem previamente estas relações. Os bastidores precisam ser analisados para entender também como, no transcorrer do programa, as fontes são trabalhadas e contextualizadas.

1.3 OBJETO

O programa *Estúdio I*, veiculado na Globo News, possui um caráter jornalístico dinâmico em forma de uma revista eletrônica. Sua proposta contempla pautas de diferentes editorias, porém se caracteriza como um programa que trabalha com a imprevisibilidade.

O *Estúdio I* utiliza a participação de repórteres posicionados em diferentes locais do mundo e preza por um editorial com postura informal. Enquetes são feitas para dar oportunidade na internet do público opinar.

Figura 1–Enquete realizada para saber a opinião em relação ao desarmamento



Fonte: Site Globo News.

O *Estúdio I* cede espaço para convidados especiais como atores, escritores, jornalistas, diretores, etc. Esse espaço normalmente é cedido na sexta-feira, quando o *Estúdio I* prima por uma informalidade ainda maior.

Figura 2– Bastidor mostra a estrutura e os novos equipamentos televisivos



Fonte: Mateus Koelzer.

Durante nossa pesquisa, foi importante analisar o impacto dessas mudanças estruturais realizadas no programa Estúdio I. Para tal, podemos nos apropriar dos conceitos de João Batista Cardoso sobre as funções dos cenários na televisão; para o pesquisador, a estrutura criada estabelece os mesmos papéis cumpridos no teatro:

(1) cooperar com a configuração do espaço cênico; (2) representar os espaços e tempos específicos nos quais se encontram as personagens e/ou apresentadores; (3) auxiliar na evolução do ator/apresentador em cena; (4) atuar como elemento de significação que, na articulação sincrética com os outros elementos da cena, transmite ao telespectador uma mensagem. (CARDOSO, 2009, p.25).

O programa ganhou novo cenário em 27 de junho de 2016. Dois anos depois – em 2018 – com a reformulação da grade de programação da Globo News, após a Copa do Mundo, o Estúdio I passou de duas horas de duração – das 14h às 16h – para três horas, começando às 13h. No site GloboNow, o programa é definido pela emissora da seguinte forma:

Informação, inteligência e informalidade se misturam no 'Estúdio i', dando vida a um programa jornalístico de entrevistas e debates com Maria Beltrão. Ela apresenta as notícias e abre espaço para a análise dos fatos no Brasil e no mundo. Diversos comentaristas participam do programa, que também conta com uma equipe de repórteres de várias localidades trazendo as principais manchetes do dia. Os internautas podem participar através do blog ao vivo do programa. O 'Estúdio i' também

recebe convidados especiais como atores, escritores, jornalistas, entre outros, que falam da carreira e comentam as notícias em destaque. Cantores e grupos musicais também têm espaço para divulgar seu trabalho. (GLOBONOW, 2017).

Na foto abaixo, podemos ver a descrição do programa Estúdio I no site GloboNow. O resumo das informações que consta no site é também direcionado para o público que assiste ao programa internacionalmente.

Figura 3–Características da revista eletrônica descritas no site GloboNow



Estúdio i

O Programa

Informação, inteligência e informalidade se misturam no 'Estúdio i', dando vida a um programa jornalístico de entrevistas e debates com Maria Beltrão. Ela apresenta as notícias e abre espaço para a análise dos fatos no Brasil e no mundo.

GLOBO PORTUGAL GLOBO NOW Globo NOW

Fonte: Site GloboNow/Rede Globo.

De fato, a televisão e o jornalismo não são os mesmos que eram há vinte ou dez anos, e pensar essas práticas sociais hoje é bem mais complexo do que antes. Mas as atuais mudanças também resultam de evoluções e impasses na história da civilização e dos meios que levam a TV e as práticas jornalísticas a se reinventarem, e demandam reflexões. (BECKER, 2016, p. 21-22).

Entendemos que tais elementos constituem um jornalismo com maior engajamento dos telespectadores que são principalmente internautas. Eles podem, por meio das plataformas tecnológicas, divulgar mais rapidamente as opiniões emitidas e informações obtidas. Cabe à chefia do programa decidir de que maneira irá se valerá das informações das quais se apropriou. Todos buscam participar para tirar dúvidas ou contrapor informações levantadas pelos programas; este formato contribui para a informalidade. Outro aspecto é que a construção da notícia acontece em tempo real devido as facilidades e benefícios concedidos pelas novas tecnologias.

Na cultura de convergência velhas e novas mídias colidem, a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. Os consumidores terão mais poder se reconhecerem e utilizarem esse poder tanto como consumidores quanto como cidadãos, como plenos participantes de nossa cultura. (JENKINS, 2009, p. 343).

Recuero (2012) afirma que o ambiente virtual também possui outro elemento importante: a própria estrutura de rede, gerada pelas interações entre os indivíduos, que proporciona a conversação diante das “audiências invisíveis” (BOYD, 2007). De certa forma, ela acredita que exista uma possibilidade mais aberta para a difusão das ideias; o jornalista pode pela enquete – por exemplo – solicitar quem está disponível para uma entrevista. Simplesmente, quem poderia ajudar na construção da reportagem, citando uma fonte, e conceder um depoimento sem se identificar.

Segundo a autora, algumas características especiais dos processos de comunicação no ciberespaço devem ser observadas: “A permanência e a buscabilidade” (BOYD, 2007) proporcionam uma observação dessas trocas em micro e macro escala, permitindo ainda que essas redes sejam delineadas com maior precisão a partir da publicização das conexões (RECUERO, 2012).

As fontes jornalísticas exercem papel fundamental neste contexto ágil e cada vez mais dinâmico da comunicação do século XXI. Percebemos que a televisão, nos últimos anos, precisou se adequar a um novo formato editorial e de apresentação, no qual o público está integrado e engajado ao conteúdo jornalístico. A mudança ganhou força com o avanço das redes digitais.

Com a expansão desses recursos, a relação entre os profissionais da comunicação e o público – aparentemente – se tornou mais próxima; essa

conjuntura altera, inclusive, o processo de construção da notícia. Os programas passaram a contar com a participação ao vivo dos telespectadores, por meio das plataformas tecnológicas. A janela interativa, que constitui o programa Estúdio I, é exemplo que conceitua a participação do público neste espaço interativo. Não é um novo ambiente, mas uma plataforma que garante mais um recurso aos profissionais de comunicação terem um acesso não disruptivo da notícia.

Sob o impacto da convergência e do desenvolvimento e apropriações das mídias digitais, a televisão não deixa de se reinventar. Assim, tanto o pós-massivo não deve ser entendido como superação ou ultrapassagem quanto a TV não pode mais ser identificada apenas como um meio de comunicação de massa. (PRIMO, 2013, p. 49).

As mudanças que foram impostas ao meio televisivo ainda são de motivação complexa. Mesmo com o avanço das tecnologias, notamos que a apropriação delas feitas pelos profissionais de comunicação permeiam uma linha tênue.

Refletir acerca do presente tema visa não apenas contribuir para a academia, como, também, para o mercado, posto que as práticas jornalísticas, em constante efervescência, buscam a melhor forma de adaptação aos meios, processos e públicos.

Além da linguagem adotada pelo programa, outros aspectos foram observados: a busca pelo furo da notícia, ou algum assunto inédito. José Arbex Jr. (2005) afirma que a audiência faz com que os veículos de comunicação transmitam as informações em primeira mão. Ele se refere à medida como um “espetáculo”. Wolton (1996) fala da percepção crítica do telespectador, que ele não é tão passivo diante do que vê. “Em resumo, os heróis que ela [a televisão] mostra ou retrata, entram em concorrência direta com outros sistemas de construção de identidades moldados pela sociedade, pela escola...” (WOLTON, 1996, p.69).

Já Barbeiro e Lima (2002) acreditam que a TV é apenas um meio de recriação dos acontecimentos do cotidiano social. Para Souza (2004), o conjunto de programas transmitidos por uma rede de televisão depende do horário de transmissão. Eles são definidos de acordo com o mercado. Em linhas gerais, é cada vez maior a necessidade de os programas estarem

atenados com as principais notícias do dia. Embora o Estúdio I seja uma revista eletrônica, ela também prima pelo furo de informações. Mesmo não sendo um telejornal clássico, é notório que, se a edição do programa conseguir um furo de reportagem ou adiantar algo, principalmente ao vivo, ganhará destaque na grade de programação; conseqüentemente, mais audiência. Se – neste caso – ela for atingida com a participação do público, soma mais um ponto porque fideliza o telespectador que participa do programa.

Com a possibilidade de o telespectador integrar o programa valendo-se das plataformas tecnológicas, o público compreende que agora, diferentemente de tempos passados, ele pode ter mais chances de emitir opiniões, embora não seja garantida a sua exibição. Diante deste novo cenário construído, surgem questionamentos: até que ponto os novos recursos tecnológicos podem interferir nas práticas e nas rotinas jornalísticas? Estamos falando de algoritmos, dados, informações que chegam rapidamente de forma muito diferente que antigamente. De certa forma, já estamos habituados com tais recursos, mas ainda precisamos entender mais sobre esses avanços e seus impactos no jornalismo.

2 METODOLOGIA

Pretendemos analisar, pela observação participante das rotinas de produção do programa Estúdio I (Globo News), como os novos recursos tecnológicos utilizados na revista eletrônica ajudam o fazer jornalístico. Para tal, vamos adotar – como procedimento metodológico – a observação direta das rotinas (com a realização de um diário de campo em que serão reportadas as ações durante o acompanhamento presencial do programa).

Os usos das tecnologias digitais têm provocado transformações nas maneiras de perceber as realidades local e global e intervêm cada vez mais na vida produtiva e nas formas de sociabilidade, porém a televisão e os telejornais ainda exercem uma centralidade nos discursos midiáticos contemporâneos na construção da realidade social cotidiana e constituem-se cada vez mais em um ambiente estratégico de mediação de discursos de instituições e de outros campos de produção simbólica na contemporaneidade. (BECKER, 2016, p. 27-28).

O telespectador não só absorve as informações diante da tela como antes das novas tecnologias, pois agora ele também tem a possibilidade de ser alguém que procura interagir com a produção dos conteúdos jornalísticos. A voz e imagem dele podem ser expostas. Alguns programas cedem espaço para que a população possa ser inserida nestes meios. Essa atitude reflete no que Becker (2016) aponta como sociabilidade; em contrapartida, é evidente que, mesmo com este crescimento da participação do público pela internet, evidenciamos que assuntos de algumas editorias ainda não recebem o mesmo espaço para a opinião dos telespectadores.

Tendo em vista que a metodologia compreende diferentes campos disciplinares, consideramos – para a presente pesquisa – a utilização da inspiração etnográfica.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador. (MATTOS, 2011, p.50).

Além dos procedimentos metodológicos já descritos, pretendemos utilizar o chamado diário de campo, já que há flagrante necessidade de anotar aspectos que não poderiam ser compreendidos sem a presença do telespectador *in loco*. Existem reações, conversas e inclusive, diálogos que, somente estando na redação, podemos perceber o impacto que exercem no conteúdo jornalístico final. Decisões editoriais, adaptações feitas por editores de textos para a edição final das matérias, opiniões de produtores e o clima instaurado nos bastidores evidenciam que os minutos que antecederam à abertura do Estúdio I, exigem maior concentração dos profissionais que atuam na área de exibição.

Dentro do estúdio, meia-hora antes de iniciar o programa, os últimos detalhes são passados; embora o programa seja ao vivo, muitas alterações aconteceram sem estarem previstas. Falhas técnicas provocaram apreensão e comprometeram o andamento do programa como havia sido planejado.

Independente do suporte (um caderno, folhas, computador, gravadores), essas anotações são fundamentais para o momento final da produção da etnografia, quando o pesquisador deverá organizar os dados de forma a produzir sua “descrição densa” da cultura estudada. (LAGO; BENETTI, 2007, p. 52).

O diário de campo – portanto – é uma ferramenta que nos possibilita articular as vivências do campo com as teorias. Permite também que possamos fazer inferências sobre casos específicos vivenciados no local.

A esse respeito, Isabel Travancas e Sonia Ferreira (2014) discute a experiência de campo como metodologia. Segundo ela, a pesquisa antropológica, que inclui a observação participante, a realização de entrevistas e a produção de um diário de campo envolvem particularidades.

O campo da comunicação nos últimos trinta anos tem crescido muito e ampliado as suas possibilidades, não apenas temáticas como metodológicas. O leque de opções é cada vez maior com trabalhos de análise de discursos, pesquisas quantitativas, análises de conteúdo e estudos de recepção. E, se os trabalhos de campo dentro de uma perspectiva antropológica eram raros nos anos 1980, hoje eles já têm mais presença neste cenário. (TRAVANCAS; FERREIRA, 2014, p. 2).

A pesquisadora destaca que o trabalho de campo não é de curta duração e exige envolvimento do pesquisador; vale-se do termo imersão,

conceito enfatizado por Malinowski (1980). Na perspectiva de Geertz (1978), a etnografia precisa ser uma “descrição densa”. Para o antropólogo, todas as atividades que são requeridas do pesquisador durante este método são para o alcance de detalhes microscópios.

Não é por acaso que sua visão da antropologia é a de uma ciência interpretativa que está preocupada em buscar o significado. O antropólogo precisa descobrir, não apenas o que os seus nativos estão fazendo, mas o que eles “acham” que estão fazendo. (TRAVANCAS; FERREIRA, 2014, p.2).

Neste caminho do processo metodológico é que nós – pesquisadores – precisamos deixar clara nossa intenção. Durante a permanência na Globo News, explicamos quais eram nossos objetivos com a pesquisa e enquanto pesquisadores. Foi necessário um tempo para que tudo fosse compreendido pela direção da empresa e do programa para que nossa inserção no ambiente de trabalho pudesse ser aceita.

Durante o trabalho de campo com observação participante, percebemos como cada profissional possuía um sistema de trabalho diferente do outro. Analisamos a dinâmica e como se estabeleciam as relações com o grupo de jornalistas que compunha a redação do Estúdio I.

Nesse sentido, a antropóloga Ruth Cardoso (1986) discute o papel do pesquisador e o seu envolvimento com o grupo. Para ela, há uma valorização da observação participante, mas é fundamental que essa observação não se transforme em “participação observante”.

Travancas e Ferreira (2014) destaca os cuidados na execução das entrevistas distinguindo entrevistas abertas das em profundidade. Diferentes das entrevistas jornalísticas, o pesquisador tem a oportunidade de conversar, mas não cabe a ele julgar atitudes, discurso nem escolhas. Durante a permanência no programa Estúdio I, tentamos adotar tais critérios para estabelecer uma melhor compreensão dos fatos sem emitir julgamentos. Buscamos entender passo a passo como acontecia cada tomada de decisão, o seu porquê e as avaliações feitas pelos editores.

Como salienta a antropóloga Michèle Petit (2008, p.55),

O essencial ao se fazer uma entrevista é ser o mais acolhedor possível (...). E é preferível esquecer um tema listado no roteiro inicial e não escutar o imprevisto. Aliás, sempre deixo de lado

esse roteiro no momento da entrevista. Senão, nada se aprende além do que já sabia.

Travancas e Ferreira (2014) ressalta a importância da escuta durante a investigação. Enquanto estivemos acompanhando a produção e a exibição do Estúdio I compreendemos melhor o que a pesquisadora sustenta. Podemos, então, sustentar o que Travancas e Ferreira defendem. Nosso método de entrevista exigiu um distanciamento primeiramente do que já concebíamos como particularidades do telejornalismo, já que a experiência profissional na área implica rótulos, em noções já pré-estabelecidas em nosso inconsciente, justamente pelo tempo em que realizamos práticas semelhantes em nossa profissão como jornalista.

Leonardo Boff (1999) afirma que cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Esse pensamento pode ser aplicado ao contexto vivenciado na pesquisa de campo.

Essencial – portanto – foi realizar uma pesquisa cuja metodologia adotada seguisse estes preceitos. Mesmo que o telejornalismo seja uma área cuja dinâmica do trabalho é estabelecida por uma série de rotinas particulares à área, observamos as ações de forma não deixar esse olhar ser perpassado por qualquer tipo de vivência já estabelecida.

No programa Estúdio I, cujo principal diferencial pretende ser o dinamismo e a participação do público, necessitamos adotar critérios que de forma alguma pudessem carregar elementos já firmados em nossas concepções diárias para a apropriação de novas formas de construir a notícia neste novo cenário apresentado para nós pesquisadores. Diante de uma realidade tecnológica diferenciada, fomos desafiados a ouvir mais, compreender as dinâmicas da redação, estúdio e dos profissionais envolvidos para a execução e exibição do programa.

Veiga (2014) destaca a importância da escolha do método para o estudo. A pesquisadora explica que o método qualitativo é pertinente para os estudos da área social e também para a comunicação, pois permite uma visão mais pluralista e interpretativa. Ela também menciona a importância das descrições detalhadas, de comportamentos e citações diretas. Durante nossa pesquisa de campo, estes elementos foram fundamentais para a compreensão dos processos jornalísticos estabelecidos em relação às fontes. As transcrições

das entrevistas e gravações permitiram o melhor entendimento dos passos e das atitudes tomadas durante o programa

Quanto à observação, cabe ressaltar que esta:

[...] não se restringe necessariamente à observação empírica, daquilo que estreitamente costumamos chamar de realidade, mas se estende para a observação documental, estendendo-se mesmo até à observação abstrativa, quando criamos diagramas mentais da rede de conceitos teóricos com os quais estamos lidando, observando suas configurações e modificando-as conforme as necessidades de condução de uma argumentação. (SANTAELLA, 2001, p. 186).

Tais procedimentos metodológicos reforçaram a conduta científica exigida para a exatidão dos dados obtidos. Todos os bastidores, todas as falas e posturas assumidas foram analisadas para a elaboração das constatações dos processos jornalísticos.

Percebemos que – conforme destaca Santaella (2001) – nossa postura enquanto pesquisadores não pode, de forma alguma, interferir nas práticas jornalísticas; no entanto, quando um pesquisador adentra um espaço que possui dinâmicas de trabalho próprias, envolvimento e relações de poder como, por exemplo, editor-chefe e produtor, nossa observação de campo, mesmo que com esforço, não permanece isenta.

Nossa postura enquanto pesquisadores, depois de elencarmos nossos objetivos para a obtenção dos resultados propostos foi de que enquanto estivéssemos acompanhando todo o trabalho de campo, pudéssemos anotar, avaliar, presenciar e posteriormente esmiuçar cada passo tomado pelos jornalistas e cada consequência no resultado dos processos.

A metodologia qualitativa-exploratória, segundo Gil (2002), permite a interpretação, favorece a análise, é flexível e tem como objetivo tornar o tema mais familiar para o pesquisador, aprimorando ideias e/ou descobertas intuitivas.

Foram analisados – no total – nove programas. Chegamos nesse número tendo em vista, que apenas o acompanhamento *in loco* de um dia não seria suficiente. Sabendo da longa duração do programa, precisaríamos analisar mais edições para podermos avaliar de forma mais concisa como as tecnologias, a participação das fontes e o modo de trabalho na redação, poderia interferir no resultado da notícia.

Todos esses procedimentos convergem para o que compreende a pesquisa acadêmica.

A pesquisa é compartilhamento, ainda que isso, nem sempre, se dê a ver: entre leitor, intérprete, autor, estudioso, pesquisador, professor, tradutor, cientista, artista. Aprende-se, ao fazer, com o outro. O primeiro passo: aprender a ouvir. O último: não há o fim das coisas. O mundo é feito de aberturas que se dão para outras. Entre o primeiro e o último: uma infinidade de passos, tropeços, imobilidades, esquecimentos, abandonos prazeres sem medida ou sem sentido de tão inexplicáveis. (HISSA, 2013, p.17).

2.1 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos nossa pesquisa no site da emissora para tentar visualizar se haveria algum meio de contato para pesquisadores com o veículo. O que apenas encontramos foi um espaço dedicado ao envio de conteúdos jornalísticos, principalmente vídeos e fotos para assinantes e telespectadores, o que não era nosso interesse enquanto pesquisadores. Sabíamos que, para ter entrada na Globo News, seria necessária a autorização da direção ou do editor-chefe do programa. Entendemos que a presença de um pesquisador no local, normalmente costuma intimidar, despertar anseios, curiosidades e medo dos profissionais, que podem encarar a visita como algo expositivo e até mesmo negativo para a empresa, que normalmente não deseja revelar suas particularidades e seu modo de operação.

Mesmo sabendo que tais anseios iriam nos acompanhar durante este trabalho, procuramos nos adiantar nas tratativas de agendamento da nossa visita. Por mais de nove anos na reportagem da RBS TV (afiliada Rede Globo), conhecemos profissionais que – após saírem da emissora – ingressaram na Rede Globo no Rio de Janeiro.

Eram nove horas da manhã, e estávamos bem adiantados em relação ao horário acordado com o editor-chefe do Estúdio I, Felipe Vazquez. Rapidamente nos dirigimos a uma das redações da Globo News; quando entramos no local, havia poucas pessoas. Fizemos o primeiro contato com Mariana Borges, jornalista, produtora de vinte e quatro anos.

Figura 4– Corredor principal próximo a redação da Globo News no Rio de Janeiro



Fonte: Mateus Koelzer.

Realizada a apresentação, iniciamos uma conversa informal, comunicando à jornalista que – na verdade – o horário estava marcado apenas para a uma hora da tarde, mas entendemos que poderia ser enriquecedor possuímos mais tempo para a pesquisa.

Durante nosso trabalho, analisamos o programa do dia 30 de outubro de 2017, data em que estávamos acompanhando – presencialmente – as rotinas jornalísticas da revista eletrônica, bem como sua exibição e desfecho. Durante esse dia, visualizamos todos os processos desde a produção, até a reunião de pauta, definição dos assuntos que seriam abordados, bastidores, visita à equipe técnica e exibição do programa.

Percebemos uma notória diferenciação dada ao programa Estúdio I em relação aos demais programas jornalísticos da emissora. Durante a pesquisa, conseguimos avaliar de forma negativa como uma revista eletrônica – que

possui quatro horas de duração – concede de fato, pouco espaço para os telespectadores.

As acomodações do Programa Estúdio I são diferentes das dos principais telejornais da emissora: é possível constatar uma espécie de diferenciação entre os produtos jornalísticos da emissora. No que tange às acomodações, os profissionais da revista eletrônica não trabalham de forma integrada, aqui fazemos referência aos espaços físicos.

A redação do Estúdio I é dividida com outros programas da emissora. Notoriamente esta ação dificulta a comunicação entre os jornalistas; conseqüentemente, afeta a agilidade, a produção e a edição do programa. Por exemplo, no dia em que realizamos a observação, enquanto duas produtoras estavam trabalhando em um local da redação, uma editora de texto permanecia em outra redação, bem distante das demais profissionais.

Em muitos momentos, percebemos que não existiu uma conversação ou diálogo que – de fato – poderia contribuir para o resultado do produto jornalístico. Ainda tratando do trabalho executado na redação, a apresentadora Maria Beltrão chega poucas horas antes do programa começar.

Durante a pesquisa de campo, a produtora afirmou que não é necessária a presença da apresentadora desde o início dos processos de elaboração e construção da revista eletrônica, porque tudo que é decidido pelo editor-chefe do programa é – por sua vez – encaminhado para a apresentadora. Entendemos que com o avanço dos recursos tecnológicos é possível cada vez mais estarmos conectados e cientes do que está sendo realizado pela equipe; no entanto, a presença *in loco*, da profissional que, além de apresentadora, é uma debatedora dos principais assuntos do dia, é necessária para que a jornalista se aproprie de cada passo para que quando o Estúdio I está no ar: que não seja surpreendida.

Por isso ela precisa ter pleno conhecimento, rigor e teor dos fatos que serão exibidos. Enquanto pesquisadores, percebemos que o engajamento da apresentadora poderia ser maior nos processos de elaboração do programa. São muitas editorias e, por contar com a participação do telespectador, é preciso de muito envolvimento. Um programa que prima pela informalidade, característica atribuída à própria apresentadora, requer uma opinião mais consistente de quem nitidamente da voz e conduz o programa.

Entendemos também que – para uma compreensão ampla do assunto – seria necessário analisar mais edições do programa. Optamos por uma ordem aleatória de exibição. No dia em que estivemos na emissora, não houve a participação do público pelas plataformas tecnológicas – a produção não utilizou de entrevistas via Skype, Twitter ou e-mail – o que poderia prejudicar nossa análise; esse fato, coincidentemente ou não, mostra que a voz do internauta não possui é tão importante para a articulação no programa. Por isso, elencamos –

para a análise – outros programas em que a participação dos assinantes foi validada pela direção. Primeiramente, nosso critério principal foi analisar as matérias disponibilizadas no catálogo de vídeos do Estúdio I no site da Globo News, que contemplava a participação do telespectador.

No programa do dia 30 de outubro de 2017, o destaque foi o *Anuário de Segurança Pública*, e o critério para a escolha da pauta foi o número expressivo de desaparecidos no país, especialmente na capital carioca. A edição do programa levou em conta a notoriedade dada ao tema em outros programas televisivos e em jornais de grande circulação. O assunto de segurança pública – definitivamente – é um tema que tem destaque pelo cenário atual onde a violência se tornou um assunto de grande interesse público. Podemos destacar ainda que também possibilita a participação de fontes oficiais que possuem espaço considerável no programa, além de permitir que comentaristas abordem, mais profundamente, o tema após a exibição de alguma reportagem ou entrada de um repórter ao vivo durante a exibição da revista eletrônica.

Os editores de texto priorizaram uma nota emitida pela Secretaria de Segurança Pública. Eles também reuniram mais dados específicos do estado Rio de Janeiro.

Esse assunto dos desaparecidos veio pela chefia de São Paulo. Os dados são alarmantes então deve ser o assunto do dia. Aí eu entrei no G1 e peguei mais dados. Então para a equipe já ficar sabendo o que tem eu pesquisei a história no G1 e também botei para a Maria ao menos já saber, ter uma noção.²

²As entrevistas transcritas das/dos jornalistas capturadas no processo metodológico serão destacadas em itálico como forma de diferenciar as citações de textos acadêmicos.

O que a produtora destacou implica uma observação feita por Becker (2016). O assunto que é de interesse do público foi levantado naquela edição por meio de uma entrada ao vivo.

Contudo, ao mesmo tempo que a TV investe no telejornalismo e busca resgatar e reafirmar a prestação de serviço público de informação de qualidade, continua agendando a realidade social. (BECKER, 2016, p. 95).

Figura 5– Abertura do Programa Estúdio I com a participação ao vivo do repórter falando sobre o Anuário de Segurança Pública



Fonte: Mateus Koelzer.

A produção do programa procura focar temas inusitados no Skype. Por exemplo, no dia 27 de outubro de 2017, o Estúdio I entrevistou uma menina portadora de uma síndrome chamada de hidrocefalia. No dia a manchete foi: Jovem com hidrocefalia realiza sonho de ter festa de debutante com “vaquinha online”. A apresentadora do programa se dirige ao telão onde a menina Heloíza Carmona, de quinze anos, já se encontra posicionada. A jornalista faz uma introdução falando da doença e que ela já havia passado por três cirurgias.

A entrevista avança, Beltrão fala que a menina com nove anos passou a escrever para uma coluna no jornal de São José do Rio Preto, São Paulo, cidade natal da jovem e que recentemente conseguiu realizar a festa de 15 anos por meio de uma “vaquinha online”. Durante a entrevista, Heloíza utiliza

um fone de ouvido como espécie de retorno para ouvir o que a apresentadora pergunta.

Heloíza comenta da festa, enquanto imagens do evento são transmitidas no telão, ela fala sobre como foi o aniversário. Com a saída das imagens, a menina volta a aparecer no telão e Maria também conversa sobre o livro que ela publicou. O lançamento que aconteceu naquela semana foi a junção das crônicas que a menina escreveu para a coluna do jornal Folha Caipira de São José do Rio Preto – São Paulo. Maria ainda questiona quais as dificuldades enfrentadas por portadores desta doença. A jovem responde à argumentação e agradece a oportunidade em falar sobre o tema, parabeniza os nove anos de existência do programa Estúdio I e encerra a participação.

A utilização do Skype – nesse caso – comprova uma das facilidades das plataformas tecnológicas. A jovem não teria condições físicas nem financeiras para se deslocar para o estúdio do programa que fica nas instalações da Rede Globo no bairro Jardim Botânico, capital fluminense. Outra forma de entrevistá-la seria a produção do programa contatar uma das afiliadas da Rede Globo no caso, a TV TEM, cuja sede está localizada em São José do Rio Preto – São Paulo. Mesmo assim, Heloíza necessitaria se deslocar até a TV, que nem sempre dispõe de estrutura para entrar ao vivo para a rede, tendo em vista que precisa atender aos telejornais locais e possui uma equipe de repórteres reduzida. Todo este processo seria mais difícil de ser executado caso a entrevista não fosse realizada por Skype.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que a entrevista pela plataforma permitiu que a apresentadora interagisse com a fonte. Esse caso exemplifica que, em alguns momentos, recursos como o Skype são benéficos e facilitam as rotinas produtivas. Porém, cabe ressaltar que o uso da plataforma deve ser feito em momentos pertinentes. Seu uso excessivo pode prejudicar na construção da notícia no sentido de que o profissional de comunicação fica refém do recurso. São facilidades que estão próximas a uma linha tênue, e a tecnologia pode interferir nas nuances dos fatos. Nada prevalece sobre o repórter estar no local do fato. Tal premissa, considera que o jornalista *in loco* pode observar fatos que – muitas vezes – escapam do olhar do profissional quando existe uma barreira tecnológica. A entrevista descrita acima, contando

com o tempo de abertura até o de encerramento, foi de cinco minutos e vinte e cinco segundos.

Figura 6—Participação de Heloisa Carmona por Skype (um dos recursos tecnológicos do programa) para falar sobre a festa de quinze anos e sobre a hidrocefalia



Fonte: Portal da Globo News.

Para a produção do programa, casos como esse permitem explorar fatos que poderiam não ser noticiados. Ainda segundo a produção do Estúdio I, outro caso que pode ser contemplado através do Skype, foi sobre uma polêmica envolvendo o Parque Lage no Rio de Janeiro, conteúdo exibido no dia 04 de outubro de 2017. Na ocasião, a apresentadora inicia a fala dela afirmando que é importante para os cariocas tratarem sobre a polêmica envolvendo a exposição “Queermuseu”. Na tarja televisiva, aparece participe com #estudioi, seguida da manchete: “Prefeitura considera exposição “Queermuseu” inadequada e desautoriza mostra no Museu de Arte do Rio, que lamenta decisão”.

A abertura da discussão começa quando Beltrão afirma que o Conselho do Museu se colocou favorável à exposição e aceitou uma determinação da prefeitura, tendo em vista, que o museu é de responsabilidade dela. No

entanto, o museu que iria trazer a mostra iria restringir crianças com todas as sinalizações sobre o teor das obras e dispor – permanente – mediação junto aos visitantes. Tais observações elencadas eram premissas do museu. Iria ainda, conforme dito no programa, levar em conta o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A apresentadora coloca em discussão a liberdade artística. A jornalista afirma que o limite da liberdade deve ser a lei, posicionando-se ainda mais, dizendo que proibir uma exposição por questões pessoais é censura. A frase proporciona a abertura do diálogo com os participantes da mesa.

Figura 7– Maria Beltrão expondo aos convidados e telespectadores a polêmica envolvendo o Museu de Arte do Rio



Fonte: Site Globo News.

Logo após a colocação de Maria Beltrão, quem se posiciona é o comentarista Marcelo Lins. Ele explica que a decisão da prefeitura do Rio de Janeiro é uma derrota da cultura e da liberdade de expressão. O comentarista questiona a autoridade do prefeito de vetar uma exposição que cumpre regras determinadas (Figura 8).

Na discussão, o escritor Artur Xexéo afirma que a nota emitida pela imprensa da prefeitura do Rio de Janeiro – que determina a não realização da exposição, e que inclusive é lida durante o programa – não é clara. O jornalista afirma que a prefeitura teme que o Museu seja atacado por uma manifestação popular. Nesse caso, o Conselho Municipal de Cultura, que atende a prefeitura,

tem o poder de veto; esse dado, o veto o Conselho não tem mais o que fazer, o que aconteceu neste episódio da exposição. O escritor Xexéo, em mais uma oportunidade, fala que o prefeito foi “debochado” e arrogante; classifica a decisão do prefeito como de cunho pessoal (Figura 9).

Figura 8– Marcelo Lins comentarista questiona a autoridade do prefeito Marcelo Crivella



Fonte: Site Globo News.

Figura 9–Atrás do comentarista, e escritor Artur Xexéo está a “Janela Interativa” onde aparecem comentários e opiniões dos telespectadores que participam da discussão.



Fonte: Site Globo News.

Logo após as colocações dos comentaristas do programa, Beltrão conversa, pelo Skype via telão, com o Diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage do Rio de Janeiro, Fabio Szwarcwald.

Figura 10—O diretor da escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ em depoimento ao vivo no programa via Skype



Fonte: Site Globo News.

Questionado pela apresentadora, ele afirma que a polêmica sempre se fez e continuará fazendo parte das artes; no entanto, lamenta a decisão do

município afirmando que a arte precisa ter liberdade de expressão para que ela possa se colocar de forma plena. É importante ressaltar que – durante a entrevista do diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage do Rio de Janeiro – o sinal da internet que mantém o Skype ativo começou a apresentar ruídos. Primeiramente no áudio: a fala ficou completamente comprometida de forma a não ser mais possível a compreensão da fonte; posteriormente, o sinal da imagem também é perdido. Neste momento, encerra-se a transmissão com o entrevistado, e a discussão é retomada para o estúdio. A apresentadora explica ao vivo para os telespectadores: “congelamos com o Fabio”. Ela retoma a discussão com os comentaristas; alguns segundos, o sinal é reestabelecido, e a conversa com o diretor volta a ser realizada.

Problemas como esse fazem parte de um contexto que busca a utilização de novas tecnologias; neste caso, o ruído aconteceu com o Skype, havendo uma perda momentânea no sinal da internet. Embora esses recursos garantam agilidade, também podem causar transtornos; é preciso que a equipe tenha o controle do programa e dos assuntos para que, em casos como este, a situação possa ser normalizada. Em casos como esse, o telespectador pode ser prejudicado com os atrasos e ruídos que acabam tendo que presenciar. Muitos telespectadores tratam o caso não como isolado e passam a criticar tais falhas como amadorismo da equipe, muitas vezes em comentários postados em redes sociais.

“@estudioi com problemas hoje. Tenso!”, publicou o internauta @carlosborges.

É possível perceber que o recurso do Skype também é uma alternativa para baratear custos, tendo em vista, que não é mais preciso deslocar nenhuma equipe para o local da entrevista. Nesse caso da polêmica envolvendo o museu, percebe-se que a emissora economizou na equipe de externa (motorista, cinegrafista e repórter), que não precisou ir para o local do fato. A apresentadora trouxe o assunto em uma nota seguida de opinião e já lançou o assunto para os comentaristas emitirem a sua. Cada um expôs suas visões; em seguida, Beltrão situa o telespectador com a leitura da nota emitida pela prefeitura do Rio de Janeiro que proíbe a execução da exposição, e parte então para o contraponto, com o diretor da escola de Arte Visuais do Parque

Lage do Rio de Janeiro. Ele fala que a polêmica sempre fez parte das artes, mas que ele precisa ter liberdade de expressão.

Não obstante, após a fala do diretor via Skype, a apresentadora volta para o estúdio onde explica e lembra os telespectadores que a produção do programa tentou trazer ao Estúdio I um representante da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro para participar do debate, mas eles preferiram se manifestar apenas por nota.

Em enquadramento fechado, Maria lê o conteúdo jornalístico:

Após reunião do Conselho do Museu de Arte do Rio de Janeiro, ontem de manhã, a Secretaria Municipal de Cultura esclarece que o Conselho não é um Conselho deliberativo, e como tal, não possui poder de veto a decisões da prefeitura que já se posicionou claramente pela não realização da exposição “Queermuseu”. O Conselho é órgão consultivo do Museu e tem como objetivo o estudo de políticas públicas e elaboração de diretrizes de programação estratégica de promoção de atividades no Museu e que discussões sobre diversidade e respeito às diferenças e inclusão têm sido colocadas em pauta pela gestão de forma democrática e participativa.

Com a leitura da nota de teor político denso e extenso, a apresentadora dá desfecho ao bloco. A nota jornalística – notoriamente – defende o lado do Governo, e entendemos que a decisão de não levar ao estúdio nenhum representante configura uma medida de proteção; não há como realizar nenhum questionamento contrário. Nesse contexto, observa-se que o Skype poderia ter sido utilizado também para o contraponto com o representante do governo, e não somente com o diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage do Rio de Janeiro. A apresentadora – então – encerra o bloco com duração de dezesseis minutos e quarenta e um segundo, dizendo que no próximo bloco o Estúdio I volta a debater o tema.

No bloco seguinte, Maria retoma o assunto chamando o correspondente internacional de Paris, Paulo Mariotti, que – ao contrário da polêmica envolvendo exposições no Brasil – retrata a realidade positiva da capital francesa.

Figura 11– Correspondente internacional, em Paris, ao vivo em frente ao Museu d’Orsay fala sobre campanha que busca levar crianças para os museus



Museu d'Orsay retoma campanha em que pede pais para levar os filhos



Fonte: Site Globo News.

Em Paris, uma campanha composta por nove cartazes associa obras famosas a frases divertidas com o objetivo de convidar famílias a frequentarem museus. O repórter, ao vivo, cita duas delas: “Traga seu filho para ver um super-herói”. Outra mais ousada mostra uma tela onde uma mulher aparece nua deitada com os seios à mostra. Na tela, a frase: “Leve seus filhos para ver pessoas nuas”.

Figura 12– Um dos cartazes que fazem parte da campanha dos museus franceses. Na tradução “Leve seus filhos para ver pessoas nuas”



Museu d'Orsay retoma campanha em que pede pais para levar os filhos



Fonte: Site Globo News.

Esse último bloco, com duração de cinco minutos, fez um contraponto às visões sobre a arte. A apresentadora, mais uma vez, retoma a polêmica envolvendo a exposição cancelada no estado carioca e enfatiza a liberdade concedida nos países de primeiro mundo; nesse caso, na França. Todos os comentaristas encerram o bloco emitindo as respectivas opiniões. O que se percebe é que – durante a abordagem dessa temática – não houve nenhuma participação de telespectador, internauta ou ligação da Central de Atendimento ao Telespectador (CAT). Esse programa analisado nos faz refletir até que ponto o telespectador não está simplesmente relegado à condição de um agente passivo frente à televisão, embora sejam ofertadas diversas formas de ele participar do programa. Além de um filtro nas opiniões que serão veiculadas, existe também uma desconsideração na participação dos telespectadores, ironicamente ou não, assim como na exposição trazida para a discussão. A produção, neste caso, não deu voz à opinião do telespectador. Nesta edição, alguns comentários trazidos para a produção possuíam relação positiva com o assunto. Por exemplo, uma internauta @carla23 havia escrito:

“A museu deixa claro o que será mostrado. Mais pluralidade, por favor!”, uma mensagem que poderia ser mencionada na Janela Interativa.

Entendemos tal premissa na medida em que não ofereceu um espaço para eles entrarem na discussão; avaliamos que um assunto como esse requereria a participação do público. Se analisarmos os apontamentos feitos pela produção desde o início da pesquisa, sempre foi ressaltada a preocupação da direção para que o telespectador participasse, ainda mais em casos polêmicos, controversos e que apresentavam opiniões divergentes.

Ainda sobre a utilização do Skype na realização do programa Estúdio I, a produção é enfática em dizer que o recurso facilita a execução do programa porque garante mais agilidade. Conforme a produção, agora não é mais preciso ter mais uma equipe presente no local do fato.

A produtora Mariana explicou também que – em relação aos assuntos polêmicos pertinentes às artes – o programa buscou entrevistar críticos de arte e potenciais fontes que receberiam essas exposições. O que de fato não foi possível presenciar, apenas algumas citações dadas em notas jornalísticas. Ela afirmou, ainda, que – em alguns casos – o jornalismo da Globo News tem espaço apenas para o factual. Já no caso do Estúdio I, o Skype é a forma que a produção do programa tem de explorar mais o assunto. Conforme ela, muitas vezes a marcação se dá no mesmo dia de a entrevista ir ao ar por Skypena revista eletrônica. Portanto, a equipe tem menos de duas horas para conseguir realizar esse contato, explicar o que será abordado e ainda testar o sinal na plataforma tecnológica. Essa técnica requer agilidade e depende de recursos tecnológicos como a internet; falhas são comuns e independem do conhecimento humano.

Todos as entradas dos entrevistados realizadas – via Skype – são descritas em um relatório feito pela produção do programa. Na mesma semana em que estivemos na emissora, o ator André Gonçalves esteve participando para falar da estreia de sua peça, já que o programa destina um espaço para divulgar os trabalhos que estão sendo realizados por atores da casa, principalmente na área artística. Esta oportunidade normalmente é dada nas sextas-feiras, quando a produção busca fazer um programa mais leve e com mais espaço destinado ao entretenimento.

Em contrapartida, a produtora explica que se, nas sextas-feiras, o dia é mais leve no Estúdio I, o programa, nos demais dias da semana, praticamente não tem esta tranquilidade. Ela citou o exemplo de uma quinta-feira, quando o

Estúdio I foi feito todo com pautas exclusivas de Brasília; na ocasião, o ex-presidente Michel Temer havia sido internado, e os repórteres se revezavam entrando ao vivo em frente ao hospital. A cada atualização dada pela equipe médica do político, os profissionais voltavam a participar do programa.

O fato de o *Estúdio I* possuir também muitos comentaristas provoca – inevitavelmente – algumas divergências ao vivo. A produção do programa entende que esse fato, ainda assim, é positivo e propositalmente pensado, e mesa é composta, estrategicamente, justamente para haver este diálogo. A ideia da direção do programa é trazer uma pessoa que tenha uma opinião condicionada fortemente para um lado e outra para o oposto. Percebemos que essa atitude mostra, assim como os filtros, um condicionamento do conteúdo jornalístico. A produtora afirmou que isso acontece em diferentes editorias, mas é normalmente na política que as opiniões entram em conflito. A ideia mesmo é a de que sobre qualquer assunto possa haver debate e discordância o que tornaria a mesa mais quente, fazendo referência – notoriamente – à audiência. Quando questionada sobre o que seria um programa mais quente, a produtora respondeu que essa temperatura é medida quando há interatividade e os comentários nas plataformas digitais crescem tanto com elogios como com críticas e opiniões contrárias. Ou seja, há também além de um filtro, como retratamos anteriormente, uma manipulação dos assuntos para chegar a esta audiência elevada. A produtora revelou ainda a condução dada pela apresentadora com destaque para a intermediação destes diálogos. Os aparatos tecnológicos ajudam, nesse sentido, pois ela pode – a qualquer momento – destacar alguma opinião mais forte de algum telespectador.

Na editoria internacional, há a maior utilização do Skype no programa; toda vez que a produção necessita de um repórter é que se pode perceber maiores tensionamentos e ruídos jornalísticos, pois o número de correspondentes internacionais diminuiu consideravelmente nos últimos anos como reflexo de uma mudança financeira e estrutural da emissora. Até 2010 existiam repórteres internacionais exclusivos da Globo News; atualmente, a emissora conta com a participação de repórteres da Rede Globo o que, como já apontamos, não se pode prescindir da realidade: o fazer jornalístico é perpassado por questões econômicas.

Ainda no que tange aos correspondentes internacionais, cabe ressaltar que houve uma brusca mudança no quesito tecnológico. No passado, era exigido que os repórteres estivessem preferencialmente na sede da emissora no exterior. Estes escritórios ainda existem, mas principalmente para a produção de rede trabalhar e para eventualmente realizar – por exemplo – uma entrada ao vivo que requer mais recursos da emissora. Os novos aparatos tecnológicos permitem uma flexibilização do trabalho: o repórter não necessariamente precisa estar fixo em determinado local vinculado à emissora. Muitos repórteres internacionais conquistaram uma maior autonomia com as novas tecnologias: com celulares mais modernos, realizam sua participação no programa de suas residências no exterior ou no local do fato até mesmo sem a presença de um cinegrafista. São os chamados vídeo repórteres.

Na maior parte dos programas pesquisados, as fontes de que se valem não são oficiais, como os próprios telespectadores que entram ao vivo no programa por meio do Skype; muitos deles são conhecidos da equipe de jornalistas do programa Estúdio I. Ficou evidente que as redes sociais são utilizadas como a principal forma dos produtores do programa entrarem em contato com essas fontes. Esta atitude denota uma nova realidade do fazer jornalístico em tempos modernos. Na medida que crescem as facilidades de comunicação, surgem novos questionamentos sobre a confiabilidade dos conteúdos que são consumidos e apropriados pelos jornalistas.

O Estúdio I abordou o caso em Barcelona, na Espanha, quando ocorreu o atentado no dia 17 de agosto de 2017; nele 13 pessoas foram mortas e 80 ficaram feridas. Neste dia a produção do programa contou com a ajuda de recursos tecnológicos; a produtora – inicialmente – lembrou de três amigos brasileiros que estavam morando no país. Ela ligou para eles e perguntou como estava a situação no local do acidente. Todas as informações apuradas foram repassadas para o editor-chefe do programa, e decisão dele foi acatada em uma rápida reunião. As tratativas continuaram diretamente com estas pessoas que estavam no local. A produtora roteirizou a participação das fontes que podem ser consideradas testemunhais, e elas entraram por Skype durante o programa.

Esta facilidade colaborou no aprofundamento do tema que foi um dos principais assuntos do dia em todo o mundo; entretanto existiu uma autonomia

considerável por parte destas testemunhas durante a exibição do programa. Neste contexto, uma participação que não foi de um repórter internacional e sim de um morador/fonte testemunhal que contribuiu com atualizações sobre o caso.

Esta agilidade exigida no meio televisivo é tratada por Porcello (2015):

Outra questão recorrente em todas as redações de TV do mundo é a falta de tempo para produzir e montar a matéria. Desde que a TV começou – e os equipamentos eram muito mais rudimentares – até os dias de hoje, ouve-se essa queixa. E mesmo com a TV Digital e outros tantos avanços tecnológicos que ainda estão por vir, a reclamação vai continuar. É da natureza da televisão a escassez de tempo para o fechamento do material. TV é ágil, instantânea, conta a história enquanto ela ainda está acontecendo. (PORCELLO, 2015, p.164).

Marcondes Filho (2000) ressalta que, no jornalismo televisivo, as tecnologias também definem os critérios de edição. Ele afirma que a visibilidade técnica se impõe como modelo estético. O imperativo da velocidade também resulta na condição da notícia de defasagem mínima entre o fato e a narrativa do fato, o que é chamado de “tempo zero” (PICCININ, 2006, p.148).

Os conceitos tratados pelos autores se refletem em um algo que aconteceu durante o programa do Estúdio I. Uma das entradas ao vivo que estava prevista no espelho do programa não ocorreu porque a equipe que iria ser utilizada não conseguiu chegar a tempo no local. A decisão tomada foi a de que os jornalistas ficassem no local para fechar uma matéria para outro noticiário.

Voltando às análises do programa, a tragédia que aconteceu na França, no dia 14 de julho de 2016 recebeu atenção da revista eletrônica. Mais uma vez, também valendo-se do Skype. Um repórter que atua como correspondente em Londres – Rodrigo Carvalho – estava, ocasionalmente, na França fazendo uma reportagem especial. Naquele dia, aconteceu um atropelamento que deixou 84 mortos e 18 feridos. O repórter se dedicou durante três dias à cobertura dos fatos para a Rede Globo. Mais uma vez aconteceu o que tratamos anteriormente na pesquisa: o editor-chefe do programa decidiu e conseguiu a participação do repórter da rede ao vivo durante a edição daquele dia.

O programa que tratou do furacão na Flórida, nos Estados Unidos, também foi analisado. A revista eletrônica exibiu o conteúdo jornalístico no dia 11 de setembro de 2017. Todas as fontes foram contatadas pelo Facebook. Uma explicação que foi concedida pela produtora Mariana foi de que a Globo News por ser um canal 24 horas de notícias muitas pessoas gostam de participar virtualmente porque os noticiários seguem ao longo do dia.

Além do fato sobre a situação de calamidade pública, vale destacar que, nesta edição, além da notícia sobre o furacão, a equipe abordou e analisou imagens de repórteres e as dificuldades evidenciadas por eles nas coberturas de risco. Um comentarista destacou a importância do trabalho jornalístico neste momento tenso mencionando que ficou impressionado como um repórter lutou contra a tempestade para conseguir informar o público. Nesta ocasião, foram utilizadas também imagens de emissoras internacionais. Vale destacar que além da notícia como fato a equipe de comentaristas trouxe para o debate a importância dos jornalistas em momentos de crise.

A repórter da Globo News que estava no local falou sobre a importância de manter-se seguro durante qualquer reportagem ou entrada ao vivo, sobretudo, nestas tempestades. Foi destacada a importância da informação para auxiliar a população. Os comentaristas abordaram o efeito positivo do trabalho dos jornalistas nestes momentos trazendo uma riqueza de detalhes, do que acontece naquele dado momento. Eles chegam à conclusão de que ninguém deve sair de casa.

Durante esta edição do Estúdio I, o trabalho de um experiente repórter da editoria de clima, com mais de 29 anos de experiência, orientou como as equipes de reportagem devem agir nestes momentos. A revista eletrônica utilizou-se de imagens fortes que mostraram a situação de vulnerabilidade a que muitos repórteres televisivos ficaram expostos. No desfecho do assunto, a apresentadora Maria Beltrão reforça que nenhuma informação pode ser mais importante que a vida dos profissionais de comunicação.

Uma outra constatação em relação ao acesso às fontes é que o Facebook passou a ser uma ferramenta usual dos produtores para realizarem o contato com elas. Percebemos, durante a pesquisa, que, para marcar uma entrevista – por exemplo – dificilmente uma ligação foi realizada diretamente para a pessoa que concederia a entrevista. O feed de notícias do Facebook

hoje passou a ser uma realidade de produtores. Neste espaço virtual, eles questionam se algum amigo pode indicar um especialista, se uma pessoa poderia ser case para uma reportagem e, assim, agilizar o agendamento, quando as informações já não são coletadas pelo próprio aplicativo.

Os produtores do Estúdio I afirmam que quando recebem uma nota ou os próprios telespectadores ficam sabendo, por exemplo, de um atentado, eles já ligam para a emissora. Conforme a direção do programa, a participação do público é importante. Durante a pesquisa a produção voltou a falar sobre o atentado em Las Vegas. Um telespectador trouxe informações por híbrida (telefone), porque às vezes, não há como entrar em contato com a fonte pela internet, ou seja, não é possível ter imagens do local. A direção do programa reforçou que a editoria internacional é a que mais se beneficia da utilização do Skype, porque permite que os jornalistas consigam mostrar a realidade quase que em tempo real e com o uso de imagens.

No Brasil, o Estúdio I utiliza também um aplicativo chamado “Na Rua”. Através dele, telespectadores mandam vídeos para o programa. Depois de uma análise dos conteúdos dos programas foi possível perceber que essa utilização acontece mais no período do carnaval. É nessa data que – em grandes capitais – muitas festas acontecem: os foliões utilizam da #estudioi para obterem visibilidade e mostrarem seus trabalhos.

Figura 13– Hugo Vidal encaminhou um vídeo através do aplicativo “NA RUA”. O registro foi feito no carnaval de Pernambuco



Fonte: Site Globo News.

Figura 14– A colaboradora Adelayre Gonçalves Oliveira mostra a festa na Avenida Vitória, no Centro do Espírito Santo, ES



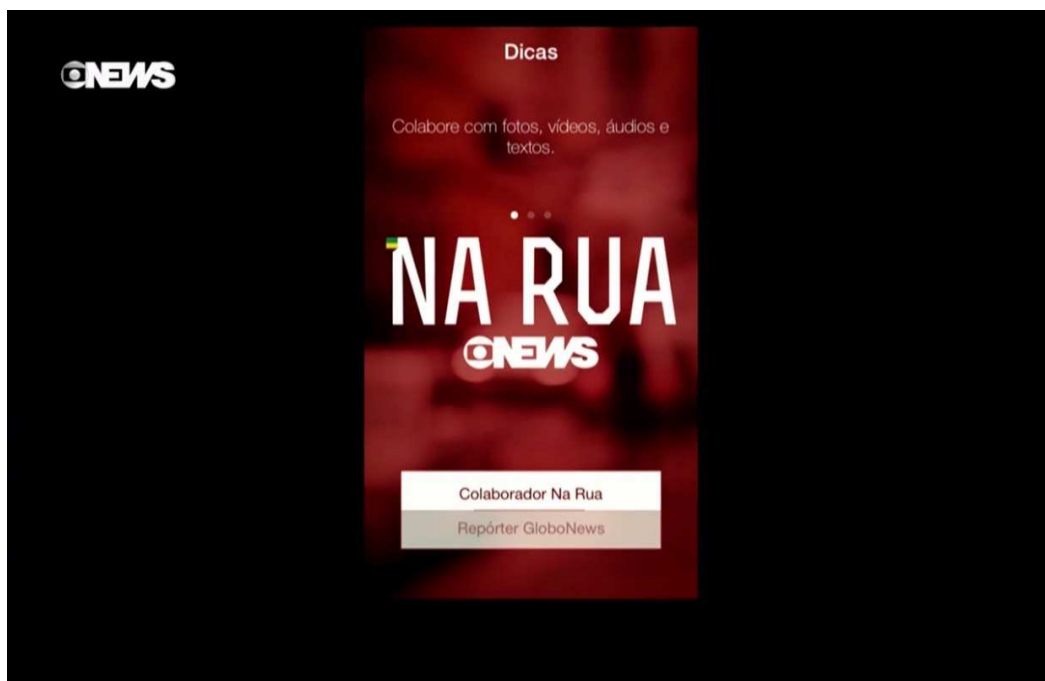
Fonte: Site Globo News.

A apresentadora, após a exibição dos vídeos, aproveita para dizer que a Globo News também esteve presente na cobertura do Carnaval. Com a manchete campanha *Chega de Assédio*, a emissoras enfatizou que sua campanha aproveitou para distribuir tatuagens à base de água para distribuir recados do tipo NÃO É NÃO: uma forma de dar basta à violência sexual no carnaval. O ato aconteceu na zona sul do Rio de Janeiro.

O programa dispõe de uma plataforma própria para o referido aplicativo. Nela, o editor retira os vídeos recebidos e os disponibiliza para a exibição; neste aplicativo, também existe um filtro. Para ter acesso a ele, é necessário que o assinante se inscreva na plataforma da Globo News; para tanto, é preciso dar informações do telefone e e-mail para que a identidade do inscrito possa ser averiguada. Outro critério importante é a qualidade do vídeo: se estiver em boas condições pode ir ao ar; caso contrário, é descartado.

Também é possível encontrar vídeos no site da Globo News explicando todos os detalhes para que o vídeo possa ser encaminhado sem que ocorram problemas que inviabilizem sua exibição.

Figura 15– Segundo a Globo NEWS, o aplicativo “NA RUA”, é mais uma forma com que o telespectador pode mostrar a realidade dele no canal



Fonte: Site Globo News.

Mas além do carnaval, no aplicativo da emissora é possível encontrar vídeos mostrando problemas enfrentados por moradores nos bairros, como falta de água, problema no trânsito, etc. No Twitter, assim como no aplicativo NA RUA, não é diferente. Todos os comentários passam por uma avaliação.

“Quando as pessoas vão comentando, muita gente xinga a Globo, isso é bem comum para gente. As pessoas também costumam comentar coisas que não estão ligadas ao que está sendo falado durante a apresentação do Estúdio 1. Eu tenho uma plataforma aqui que permite esse controle”, explica.

Percebemos, nestes casos, que tudo que vai ao ar é selecionado. A produção é que detém o poder de dizer se o comentário pode ou não entrar.

Figura 16– Foto do Switcher onde o programa é controlado ao vivo. Enquanto o programa está no ar a produção fica atenta as diferentes plataformas tecnológicas que permitem a interação do telespectador com o Estúdio I

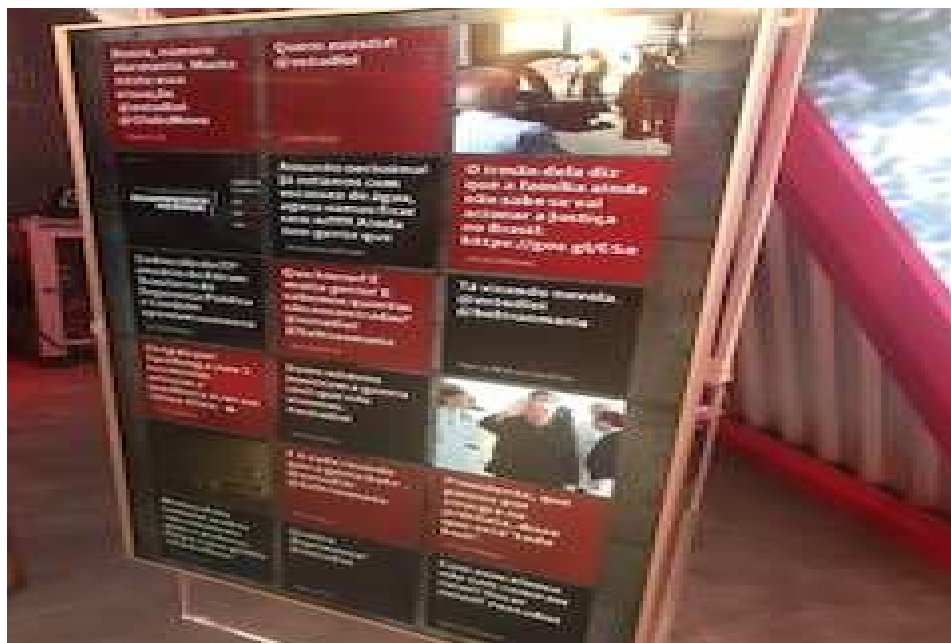


Fonte: Mateus Koelzer.

O programa Estúdio I filtra tudo o que os telespectadores enviam por meio das #: #estudioi, @beltraomaria ou @globnews. Cabe ao produtor selecionar o que vai ser destacado no telão; segundo ele, frases muito extensas são descartadas porque não cabem na tela, erros gramaticais são corrigidos, porém, a ideia, o conceito e a opinião não são alterados. Após este processo, as opiniões estão prontas para serem exibidas na Janela Interativa. O nome da pessoa que twittou sempre aparece na tela; essa medida permite que – durante o programa – a apresentadora destaque algum comentário que ela possa achar interessante e que posteriormente apresente o telespectador, de onde ele encaminhou a mensagem.

“Eu vou destacando as mensagens conforme o assunto vai sendo discutido no programa. A ideia é ter pelo menos um comentário por assunto”, comenta Mariana.

Figura 17– Na Janela Interativa, além de notícias factuais, aparecem os twitters dos assinantes da Globo News. Essa tela integra o novo estúdio do programa



Fonte: Mateus Koelzer.

Esta colocação destacada pela produtora não foi observada durante a pesquisa. Muitos programas não contemplam a participação dos telespectadores; no dia da visita, nenhum comentário dos assinantes foi mencionado no ar e nenhuma participação via Skype foi realizada. E nenhuma pauta sugerida pelos assinantes foi executada. Em análise de outros programas disponibilizados no site da emissora, também foi possível perceber que essa participação exaltada pela direção do programa pouco ou raramente acontece.

Na edição que acompanhamos, o programa iniciou com a participação ao vivo do repórter Gabriel Prado, de São Paulo, falando sobre segurança pública. A pauta seguinte foi a alta do ex-presidente Michel Temer. Ambos os assuntos foram twittados pelos telespectadores, mas não foi possível ver nenhuma interação: eles não foram mencionados durante a exibição ao vivo do programa.

Figura 18– No dia da observação, o programa Estúdio I foi pautado por assuntos factuais. A participação do telespectador não ocorreu. Apenas integraram o programa a mesa de comentaristas e repórteres ao vivo



Fonte: Site Globo News.

Dois anos como produtora do Estúdio I, Mariana afirma que a produção do programa precisa ser muito rápida. Ela não negou que em alguns momentos informações foram ao ar com erros. Mas segundo ela, conforme o tempo vai passando e com a experiência adquirida o trabalho vai sendo aprimorado.

“As nossas fontes enriquecem o conteúdo do programa. Quando apuramos tudo nosso programa fica quente e ajuda a gente a passar a notícia de uma forma mais rápida. Com o Skype, por exemplo, a gente consegue botar rapidamente as notícias no ar. Antigamente quando não tinha isso, demorava muito para chegar. Eu nem peguei esse jornalismo arcaico.”

O termo *arcaico* referido por ela, mostra que as redações atualmente estão sendo compostas por jornalistas muitos jovens. Ela explica que, de forma geral, todos os jornalistas recorrem às redes sociais para constituir sua agenda. Citou principalmente apuradores e produtores. Segundo a produtora, a fonte que vem através da internet ajuda quando o programa não dispõe de um repórter ainda no local do fato. Ainda, durante a conversa, ela retomou o episódio do furacão ocorrido na Flórida. O que marcou a produtora naquela cobertura foi que um estudante trazia todas as informações pelo celular. Tudo o

que acontecia na escola, ele relatava. Informava que o teto onde ele morava também chegou a cair. Que os recursos nos mercados acabaram.

“Nesse caso o repórter não estava dentro da casa da pessoa. O repórter sempre nos repassa as informações iniciais. Mas muito conseguimos complementar com esta fonte testemunhal”, explica.

No decorrer do programa, o repórter tem o tempo de apurar melhor as informações e as entrevistas com os assinantes acabam sendo dispensadas, porque já não possui mais tanta prioridade.

“Na Flórida colocamos muitos brasileiros no ar. Então ficou muito maçante. Não tínhamos repórter na Flórida, então tiramos um profissional de Nova Iorque para cobrir o caso. Foi uma forma de melhorar a cobertura”, enfatizou.

Figura 19– Após as entradas realizadas por Skype por brasileiros que estavam no local, a produção conseguiu dar continuidade a cobertura com um repórter da emissora.



Fonte: Site Globo News.

Outra jornalista, que integra o time de jornalistas do Estúdio I, é Elayne Cyrne. A profissional chega na redação da emissora diariamente por volta das 10 horas da manhã e tem por prioridade elencar as principais pautas para os repórteres do programa. Cabe a ela também averiguar os principais assuntos com os jornalistas de Brasília, São Paulo e os que estão na escala do dia no Rio de Janeiro.

Na medida que as principais manchetes são destacadas, toda a equipe do programa é informada, e – respectivamente – tudo vai sendo elaborado na ordem de exibição do programa (espelho). Como já mencionado, cabe à

produção ficar atenta também aos assuntos que podem ser direcionados aos comentaristas que integram a mesa do programa.

Com mais de cinco anos de atuação na Rede Globo, a jornalista já passou pela produção de outros programas da casa, incluindo os de Hard News que possuem outro viés. No Estúdio I, ela divide a função de produtora com a jornalista Mariana Borges. Elayne têm o trabalho dela mais focado na parte das entrevistas, mas também ajuda a pensar a formatação do programa. Segundo ela, quando o assunto é plataformas tecnológicas, o twitter recebe uma atenção especial. Os assuntos mais comentados pelos telespectadores são monitorados.

Conforme relatado pela produtora, ela prioriza realizar as marcações que acontecem por Skype ainda no período da manhã; no entanto, muitas delas, em virtude dos contratemplos, acabam ocorrendo pouco tempo antes do programa entrar no ar. Cirne destacou que a Central de Atendimento do Telespectador (CAT) tem contribuído para que algumas pautas sugeridas pelos assinantes sejam produzidas.

Mesmo assim, muitos reclamam nesse espaço dizendo que as sugestões repassadas não são atendidas.

É um termômetro. Vem muita crítica também, nem sempre conseguimos atender todo a demanda. Lembro que já fomos hostilizados também. Mesmo adotando todos os cuidados deixamos uma mensagem ofensiva passar em uma plataforma tecnológica.

Ruídos acontecem constantemente no programa. As plataformas tecnológicas requerem muita atenção da equipe, mas isso não impede que erros aconteçam. Cirne explica que tem uma preocupação em relação às fontes que participam do programa.

“A busca é que as informações sejam dadas pelos repórteres do programa. Existem casos que não dispomos de repórteres então o tempo dado a essa fonte pode ser ainda maior.”

Ela explica ainda, que nesses casos, o objetivo é que a pessoa que participa via Skype, possa dar o clima do que está acontecendo para o telespectador. Em relação às fontes mais consultadas, ela afirma que o Estúdio I recorre às oficiais. Já em casos como – por exemplo – o anúncio de algo que afete diretamente o telespectador, como uma divulgação de economia do IBGE, IPCA, coisas que afetam diretamente o consumidor são priorizados

cases para que se possa ampliar a discussão com os comentaristas. Elayne também trabalha em uma redação mista dividindo espaço com jornalistas dos programas Arquivo N e Em Pauta.

Já os editores de texto ficam na redação principal da Globo News. A possibilidade de os três editores de texto do Estúdio I integrarem a maior redação da emissora permite um contato mais próximo com as notícias que chegam. Porém, é possível perceber um cerceamento no momento que a mesma equipe se divide. Durante a pesquisa, ouvimos dos profissionais que integram a equipe “somos o primo pobre da emissora”. A frase faz referência ao fato de que parte da equipe está em uma outra redação, neste caso menor. O espaço cria, no imaginário, a ideia de isolamento, menos pertencimento e uma exclusão; no caso, a redação principal que oferece mais recursos aos funcionários. Porque um editor de texto pode integrar uma redação maior e mais completa ao contrário de um produtor? O trabalho de ambos se complementa e exerce papel fundamental no resultado do conteúdo jornalístico.

Cirne também explica que costuma oferecer as pautas para o editor-chefe, Felipe Vazquez e para o editor executivo, Rodrigo Caruso. Quando a produtora avalia um conteúdo jornalístico importante e que – consequentemente – foi aprovado pela direção do programa, já prioriza a marcação com as fontes. Quando não é possível realizar a marcação no dia, e o conteúdo não é factual, ela procura fazê-lo no dia seguinte.

Um dos assuntos que citamos anteriormente, e que foi abordado via Skype no Estúdio I, foi o caso da jovem Heloíza Carbonara. Elayne, que realizou a marcação da pauta, realizou os testes e falou com a menina minutos antes da entrevista ser realizada ao vivo no estúdio pela apresentadora Maria Beltrão. A produtora relatou que muitas das marcações que acontecem por Skype ocorrem no período da manhã. Para ela, o Skype permite maior agilidade; no entanto, ela não esquece dos problemas técnicos a que estão sujeitos ao vivo: “A questão técnica é uma incerteza. A gente corre risco o tempo inteiro é Kamikaze”.

O termo empregado por ela se refere ao nome dado aos pilotos de aviões japoneses carregados de explosivos; não existe nenhuma certeza quando se trata de recursos tecnológicos. No Twitter, a situação é mais

controlável; todas as informações recebidas passam por um sistema criado pela emissora – filtro. As entrevistas marcadas – via Skype – necessitam de testes prévios que são realizados, em média, uma hora antes de o programa começar. Neles são averiguados o áudio, a imagem e o teor jornalístico da entrevista. Embora tudo isso seja realizado, imprevistos podem sempre surpreender. É o que muitas vezes vivenciou a produtora Elayne:

Pode o sinal estar bom na hora de entrar no ar. Já aconteceram várias coisas de a gente estar falando com a fonte e simplesmente perder o sinal. É uma coisa ainda relativamente nova. Não é novo para gente que trabalha com isso diariamente, mas mesmo assim dependemos da tecnologia.

Elayne explicou ainda que – geralmente – o que acontece na marcação das entrevistas via Skype é muito comum que, somente neste momento, o programa é instalado pelo entrevistado. Para a maioria, o recurso é novo no momento de conceder a entrevista.

Segundo a produtora do programa, uma das matérias exibidas no Estúdio I, que causou transtornos na redação, foi a que envolvia a polêmica da *Farinata*. A pauta consistia em explicar o que João Doria, na época prefeito de São Paulo, buscava com o granulado de farinha. A espécie de biscoito feito à base de alimentos seria colocada no cardápio de estudantes e das famílias carentes da capital paulista. A produção do programa, inicialmente, iria ler ao vivo uma nota da prefeitura contendo todas as informações desse projeto.

Cirne havia informado que Doria alegava para a produção do programa Estúdio I que se a pessoa estava passando fome, a *farinata* seria na verdade, um nutriente substitutivo. Inicialmente o político usou o termo “substituição”; passadas algumas horas, a assessoria de imprensa da prefeitura divulgou uma nova nota, que seria uma alimentação complementar. Na época, o alimento chegou a ser chamado de “ração humana”. Minutos antes do programa começar, o que seria uma nota acabou virando uma entrevista. Houve uma mudança por parte da assessoria de imprensa que, analisando a polêmica causada pelo assunto, resolveu se pronunciar; essa mudança aconteceu pouco tempo antes de o programa começar. Seria um dos principais assuntos do dia, e a produção entendeu que seria fundamental mostrar um contraponto. A escolha foi buscar algum representante do Conselho de Nutrição.

A direção do programa compreendeu que – naquele momento – ouvir apenas um representante da prefeitura de São Paulo seria conceder um favorecimento político. A situação foi discutida na redação; a equipe decidiu, em virtude do tempo, que ambas as fontes teriam de ser entrevistadas via Skype. Naquele programa estavam no telão a secretaria de São Paulo explicando porque tinha que ter a *Farinata*, além da diretora do Conselho Nacional de Nutrição. Ela afirmou que essa medida era um absurdo, pois iria contra todas as políticas públicas da Constituição; no estúdio, um médico ponderou a questão.

Maria Beltrão abriu o primeiro bloco do programa com a frase: “Uma notícia gerou polêmica nas redes sociais”. A fala fez referência ao decreto da prefeitura de São Paulo que anunciou que iria distribuir um composto alimentar para famílias carentes que procurassem a assistência social. De acordo com a matéria publicada no G1, o produto é em formato granulado e seria doado pela empresa Plataforma Sinergia que fabrica o composto a partir de alimentos que estão no prazo de validade; no entanto, perto de vencer e que estariam fora do padrão de vendas dos supermercados.

Figura 20– Abertura do primeiro bloco do programa Estúdio I. A apresentadora Maria Beltrão introduz o assunto ao telespectador



Fonte: Site Globo News.

Para o Conselho Nacional de Nutrição, a proposta foi contrária aos princípios humanos, à alimentação adequada e se constituía um total desrespeito aos principais avanços das últimas décadas na segurança alimentar, combate à fome e à desnutrição.

Figura 21– Matéria publicada no Portal G1 é utilizada como destaque no programa para explicar a polêmica ao telespectador. A imagens do produto ficou por alguns segundos na tela para ilustrar o caso



Fonte: Site Globo News.

De acordo com o prefeito de São Paulo, à época, João Doria, este alimento seria rico em proteínas, vitaminas e sais minerais. Disse ainda que essa medida faria parte do programa *Alimento para Todos*, com distribuição nos centros de assistência social e cestas básicas.

Maria Beltrão abre a entrevista via Skype com Denise Noronha, vice-presidente regional do Conselho de Nutrição. O primeiro questionamento é porque a entidade é contrária à distribuição? Beltrão inicia suas colocações com opinião, dizendo que quem tem fome, tem pressa! “Não é melhor ter algo a oferecer com as vitaminas e nutrientes necessários? Posteriormente retoma novamente a pergunta: Porque o Conselho se diz contrário ao projeto? Denise, afirma que o Conselho Regional de Nutricionistas se posicionou contra porque o projeto é desfavorável a todas as políticas nacionais de segurança alimentar

e nutricional do país. É contra o direito humano de uma alimentação adequada e contra o guia alimentar da população brasileira.

Figura 22– Via Skype, ao vivo de São Paulo, Denise Noronha Hernandez, vice-presidente do Conselho Regional de Nutricionistas SP-MS defende porque é contrária ao projeto de lei do governo de São Paulo



Fonte: Site Globo News.

Maria Beltrão – então – pergunta para a vice-presidente do Conselho Regional de Nutricionistas de São Paulo, qual o ponto mais sensível da polêmica?

Estamos trabalhando para oferecer à população brasileira uma maior quantidade de produtos in natura e não de alimentos industrializados. Desconhecemos o projeto e a composição nutricional deste produto, que provavelmente como foi dito é feito de alimentos próximo à data de vencimento.

A apresentadora do programa faz apenas uma inferência dizendo: “vou passar a bola para a Eloísa”, mas problematiza, perguntando como a prefeitura reage às críticas do Conselho. Antes da entrada, acontece um vazamento de áudio na transmissão via Skype – cerca de três segundos –, mas a fonte continua aparecendo na tela, e a entrevista segue. Ela explica que, na verdade, o que se teve na cidade de São Paulo foi a aprovação de um Projeto de Lei

recente – há uma semana, mais precisamente – que estabelece uma política municipal de erradicação da fome e de segurança alimentar. Esta política pública tem o objetivo principal de enfrentar o desperdício na cidade de São Paulo que ainda é muito grande.

Conforme Eloísa, a prefeitura jamais pensou em substituir os alimentos *innatura* nos equipamentos públicos por este outro alimento, que é um farináceo. Ressaltou que, em São Paulo, continuaram trabalhando para a oferta daqueles alimentos e ainda potencializando esta demanda. Eventualmente, em situações de comprovada desnutrição, é que se pode suplementar a alimentação de pessoas com esse farináceo que já foi aprovado pela Agência Mundial de Alimentos, e por outras entidades que também testaram o produto. Reforçou que não haverá substituição e que a lei foi editada na época: há uma semana.

Neste bloco, duas situações ficaram evidentes. A apresentadora, após a inserção das duas fontes oficiais, emitiu uma opinião sobre o assunto questionando a entrevistada e dizendo que o importante não seria as pessoas não passarem fome? Fica subentendido um juízo de valor da apresentadora que está na posição para mediar a polêmica entre ambas as fontes. O tom utilizado por ela inibiu a articulação da vice-presidente do Conselho Regional de Nutricionistas a quem é dado um tempo menor para falar. Em contrapartida, com uma postura mais segura, talvez pela própria abertura dada pela apresentadora, percebemos que a secretária do Governo de São Paulo aproveita a deixa da âncora para – além de contrapor a opinião do Conselho – explicar todos os trâmites executados pelo Governo, bem como as normativas existentes que regem a medida; finalmente, aproveita para destacar que, além de garantir a alimentação da população de baixa renda, o farináceo é apenas um complemento nutricional.

O tempo utilizado por Eloísa é muito maior que a outra fonte. É perceptível, o aproveitamento do espaço para a difusão das políticas públicas exercidas pela prefeitura de São Paulo. Após as articulações das duas fontes, a imagem volta para o estúdio, e a apresentadora Maria Beltrão concede – então – o espaço para o médico Luiz Fernando Correa, que fala que essa discussão relembra uma polêmica semelhante à ocorrida no Brasil em 1980. Foi quando a pediatra Zilda Arns propôs a utilização da multimistura para a

recuperação basicamente de crianças e bebês desnutridos com a mesma argumentação e o mesmo propósito: o de complementação de nutrição destes desfavorecidos.

Figura 23– Eloísa Arruda, Secretaria Municipal de Direitos Humanos de São Paulo, ao vivo, via Skype defende a proposta de composto alimentar



Fonte: Site Globo News.

O médico explica que, na época, o projeto obteve bastante sucesso pelo que foi divulgado pela mídia; mais tarde, esta política foi desaconselhada pelos órgãos. Ele pergunta se existe uma comparação possível do atual com o antigo projeto. A vice-presidente do Conselho Regional de Nutricionistas reafirma que não podem compactuar com algo que desconhecem: a composição nutricional. Ela explica que é preciso ter mais dados técnicos para que o Conselho – juntamente com o seu departamento técnico – possa avaliar comparativamente o produto do passado, como referido pelo médico na pergunta inicial.

Após a conclusão da resposta, mais um ruído acontece no estúdio. Por alguns segundos: Denise fica com a imagem parada até que a apresentadora consegue retomar a entrevista. Maria Beltrão pergunta agora para a Secretária do Governo se existe a comprovação da qualidade nutricional do produto

oferecido pela prefeitura de São Paulo? A Secretária inicia a argumentação afirmando que a lei visa erradicar a fome na cidade de São Paulo. Sobre a farinata que é produzida pela Plataforma Sinergia diz que os testes já foram elaborados e cancelados pela Agência das Nações Unidas.

O tempo dedicado para a fonte do Governo é – praticamente – o dobro do concedido para a fonte do Conselho Regional de Nutricionistas. Durante a entrevista, a Secretaria de Governo fala da importância do projeto de lei e adentra questões de políticas públicas executadas por Dória; afirma que esse composto alimentar visa abastecer ainda mais os bancos de alimentos. Ela aproveita também e ressalta dados de quantos alimentos são distribuídos pela prefeitura na cidade: três toneladas de alimentos que seriam descartados. Posteriormente, enfatiza que buscam ampliar o banco de alimentos na capital. Que o descarte de alimentos gera impactos tanto na economia local quanto no meio ambiente. A Secretária – além de tratar da pauta – busca elencar outros dados que favoreçam a prefeitura. Falou que preconiza o consumo de produtos de boa qualidade. Finaliza a participação em tom de ironia dizendo que a Vice-Presidente do Conselho Regional de Nutricionistas deve realizar a leitura do texto do Projeto de Lei. Com a apropriação dos dados verá que não está escrito que a farinata será distribuída de forma indiscriminada à população.

Com a conclusão da fala da Secretaria de Governo, a apresentadora Maria Beltrão concede a palavra para o comentarista Otávio Guedes, jornalista que diz que se a Denise quiser responder à declaração da Eloísa, o espaço será concedido. Antes mesmo de o comentarista fazer a pergunta, Denise afirma que conhece o Projeto de Lei da prefeitura e, mesmo assim, entende que a política nacional de segurança alimentar preconiza uma alimentação que incentive as hortas comunitárias, a distribuição de alimentos *in natura*. Falou também que o Brasil já saiu do mapa da fome e o que hoje a população enfrenta é a de obesidade.

Guedes abre a rodada de perguntas dizendo que não entende a polêmica e que ambas as fontes falam em linhas diferentes. “Não é mais fácil a prefeitura ceder a farinata, e o Conselho conhecer o produto? Por que não se resolve dessa maneira? Denise – novamente – destaca a importância de conhecer a composição nutricional desse produto. Questiona qual é essa população que está em risco conforme a prefeitura; por final, ressalta que

pesquisas feitas apontam que a farinha do passado, da década de oitenta, não deu certo, não foi consumida. Vai além, diz que a população precisa de alimentos verdadeiros. É uma questão de palatabilidade e acolhimento. Encerra dizendo que comer o alimento é uma questão comportamental do ser humano.

No estúdio, Maria retoma a questão central agora falando para as pessoas contrárias ao projeto; segundo a apresentadora, muitas delas acreditam que a alimentação é um ritual. Que na mídia circulava que esse tipo de alimentação poderia afetar a autoestima das pessoas que iriam consumir esse produto. A Secretária diz que não vê nenhum tipo de conflito entre a posição do Conselho Regional de Nutricionistas e a prefeitura de São Paulo. Ela afirma que – na verdade – com o Projeto, busca-se o prazer na alimentação. Rebate dizendo que quer acabar com os problemas nutricionais como um todo, inclusive se for preciso, diminuir a obesidade como referido inicialmente pela nutricionista. Aproveita para responder ao comentário feito pelo comentarista Guedes, dizendo que ambas estão falando a mesma língua. Finaliza explicando que, como o projeto é novo, as adequações poderão ser feitas ao longo do período que virá. “Se for necessário, o governo irá tomar todas as medidas necessárias”, comentou.

Quando o diretor de imagens saiu da imagem fechada no telão, foi possível observar uma conversa entre a mesa de entrevistados que se mostra incomodada com as colocações apresentadas. Uma perceptível falha no corte de imagens revelou ao telespectador a postura da mesa.

Guedes pergunta novamente à Secretária de Governo se não existe a possibilidade de enviar ao Conselho Regional de Nutricionistas a fórmula do produto para acabar com essa polêmica? Reforça a frase inicial do sociólogo Betinho usada pela apresentadora Maria Beltrão: QUEM TEM FOME, TEM PRESSA! A fonte afirma que sim, e que a própria Plataforma Sinergia deve encaminhar esses dados ao Conselho Regional de Nutricionistas.

Maria Beltrão volta a mediar a entrevista dizendo que há pouco tempo para mais ponderações, que precisa encerrar o programa, mas concede o direito de resposta à Vice-Presidente do Conselho Regional de Nutricionais articular. Ela rebate dizendo que já solicitou as informações nutricionais do produto; no entanto, essas não foram encaminhadas pela empresa. A

apresentadora agradece a participação das duas entrevistadas e encerra dizendo que as informações levantadas durante o programa ajudaram a população a tirar suas próprias conclusões e esclarecer as dúvidas dos telespectadores. Na visão da apresentadora, todas as colocações feitas se complementaram.

A entrevista com 17 minutos e 16 segundos em nenhum momento contou com a participação dos telespectadores. Na tarja do programa Estúdio I, a manchete “Proposta de Composto alimentar da prefeitura de SP fere direito humano à alimentação adequada, diz Conselho de Nutrição. Em cima da manchete, a interação participe com: #estudioi, ficou o tempo toda exposta. Durante quase vinte minutos, não ocorreu nenhuma interação via twitter ou e-mail. O Skype foi utilizado como recurso apenas para facilitar a produção do programa.

Figura 24– Mesa composta para a entrevista sobre a discussão de composto alimentar não utiliza recursos tecnológicos para a participação dos telespectadores



Fonte: Site Globo News.

Em dois telões, as entrevistadas expuseram suas opiniões divergentes. A apresentadora – ao conduzir as fontes – emitiu opinião, o médico, cuja presença foi menor, fez apenas uma pergunta com pouca profundidade. Ele teria a capacidade de questionar aspectos pertinentes à saúde de forma global. Perguntas como: o composto poderia oferecer riscos já que pouco se conhece

sobre o farináceo? O consumo do produto não pode conter nutrientes prejudiciais à saúde da população? O médico fez uma pergunta que não foi respondida claramente. O comentarista confrontou as fontes; no entanto, não se chegou a nenhum consenso, e o público ficou passivo diante da discussão. Uma entrevista monótona que poderia ter sido muito mais problematizada, já que a população, principal afetada pelo projeto de lei, em nenhum momento teve espaço. Outro participante da mesa não realizou nenhuma pergunta.

A discussão jornalística se estabeleceu apenas em cima dos fatos. Poucos desdobramentos e muito mais uma briga entre as fontes oficiais que apenas defenderam interesses próprios. Vale ressaltar que a fonte do Governo aproveitou muito mais o tempo para falar de projetos políticos que fugiam da alçada do assunto debatido, não havendo censura para isso. A produção do programa não interveio em nenhum momento na revista eletrônica. O tempo que foi desproporcional entre as fontes não foi corrigido em momento algum. Os recursos tecnológicos não foram utilizados para beneficiar os telespectadores, e a participação do público foi nula. Os preceitos de interatividade do programa não foram observados em nenhum dos quase vinte minutos de debate.

Figura 25– Bastidores do programa ao vivo. Neste dia 16 de outubro de 2017 o telespectador não participou do programa. Na foto aparecem os recursos tecnológicos que poderiam ser utilizados pela produção da revista eletrônica



Fonte: Mateus Koelzer.

Mas às vezes, os debates como o destacado acima não contam com a participação tão evidenciada pelo programa. Ainda segunda a produtora Elayne Cirne, no dia 14 de setembro de 2017, o assunto a ser discutido era sobre religiões quando se pretendia abordar uma temática que envolvia diversas matrizes religiosas, sendo necessário ouvir um representante de cada religião. Segundo a produtora, o assunto foi decidido por volta das 12 horas e 30 minutos: horário próximo ao fechamento da edição do programa. A produtora buscou diferentes fontes: um padre confirmou a participação; entretanto, um pastor não poderia entrar via Skype porque estava participando de um evento de refugiados no Rio de Janeiro.

Muitos padres, diáconos e representantes da Igreja estavam nesse evento, mas, como a produtora afirmou que a busca pelas fontes foi tardia, muitos não conseguiram se programar para participar do programa. Ainda segunda Cirne, na medida que alguma fonte representante de determinada religião não pudesse estar presente a pauta seria derrubada naquele momento.

Foi o que aconteceu naquela edição. Houve uma falha por parte da produção no agendamento com as fontes.

A gente não poderia colocar o debate com alguém de outra religião se não colocasse algum representante católico, ou por exemplo, as religiões de matrizes africanas. Havia um pessoal que poderia falar que estava em Brasília. Eles até iriam entrar por Skype, no entanto, um pastor só poderia entrar em outro horário”, explicou.

A fala da produtora revelou a preocupação em reunir o maior número de religiões para o debate, mesmo assim, foi perceptível a ineficiência em buscar o agendamento antecipado das fontes. Quando falamos em ouvir todos os lados no jornalismo temos que entender que essa premissa requer tempo. A ousadia de recorrer sempre aos recursos tecnológicos e não falar com a fonte pode acarretar situações como essa especificada. O programa entendeu que seria possível apenas dar uma nota falando do evento que iria reunir religiosos de diferentes ramificações no estado do Rio de Janeiro.

O programa Estúdio I, exibido no dia 29 de setembro de 2017, tratou de outro assunto polêmico e abriu espaço para que os telespectadores – efetivamente – pudessem contribuir com opiniões e com o debate jornalístico. A apresentação da revista eletrônica, neste dia, ficou a cargo da jornalista Cecília Flesch, substituta da apresentadora Maria Beltrão. A abertura do Estúdio I já teve início com a participação dos internautas. Flesch abriu o bloco destacando “Fortes reações nas redes sociais”.

Figura 26– No início do bloco, a apresentadora Cecília Flesch cedeu espaço para os assinantes participarem do programa pelas plataformas tecnológicas



Fonte: Site Globo News.

As imagens, que foram gravadas durante a inauguração de uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, são de uma performance, comenta a apresentadora.

Ela utiliza do tablet para expor a opinião dos telespectadores que participaram via Twitter. A opinião sobre o vídeo foi exposta na Janela Interativa. Com um clique, ela selecionou as opiniões para a leitura ao vivo (Figura 27). Um assinante escreveu:

“MAM com exposição de criança tocando um homem nu. Tudo é arte? Vocês deixariam sua filha fazer isso? Agora tudo é arte? Twitter de Silvia Melo Volpato.

Cecilia utiliza novamente o recurso (Figura 28). A próxima internauta diz:

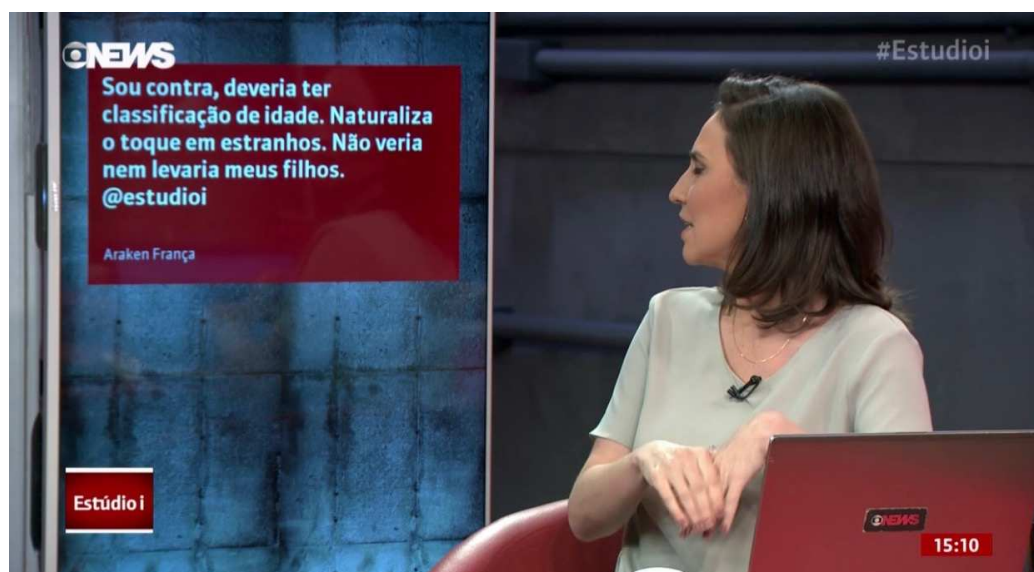
“Sou contra, deveria ter classificação de idade. Naturaliza o toque em estranhos. Não veria nem levaria meus filhos.” Araken França.

Figura 27– A apresentadora recorre a Janela Interativa para ler os comentários dos telespectadores do Estúdio I que participam do programa pelo Twitter



Fonte: Site Globo News.

Figura 28– Nessa edição do programa a Janela Interativa foi bastante utilizada. Uma forma de trazer a opinião dos assinantes para o debate



Fonte: Site Globo News.

A apresentadora corrige a internauta, dizendo que havia classificação de idade para a exposição; na sequência, ela já exhibe o vídeo gravado e que gerou a repercussão. O vídeo é aberto no telão do estúdio e comentado pela jornalista. As crianças que aparecem na gravação tiveram as imagens dos respectivos rostos preservadas com a utilização de um recurso de edição de imagens pelo fato de serem menores de idade. Na narrativa da jornalista, a

criança toca o pé e o tornozelo do homem que aparece nu deitado no meio de uma sala.

Figura 29– Durante o programa Estúdio I, a produção exibiu o vídeo que circulou pelas redes sociais e gerou polêmica sobre o Museu de Arte Moderna em São Paulo



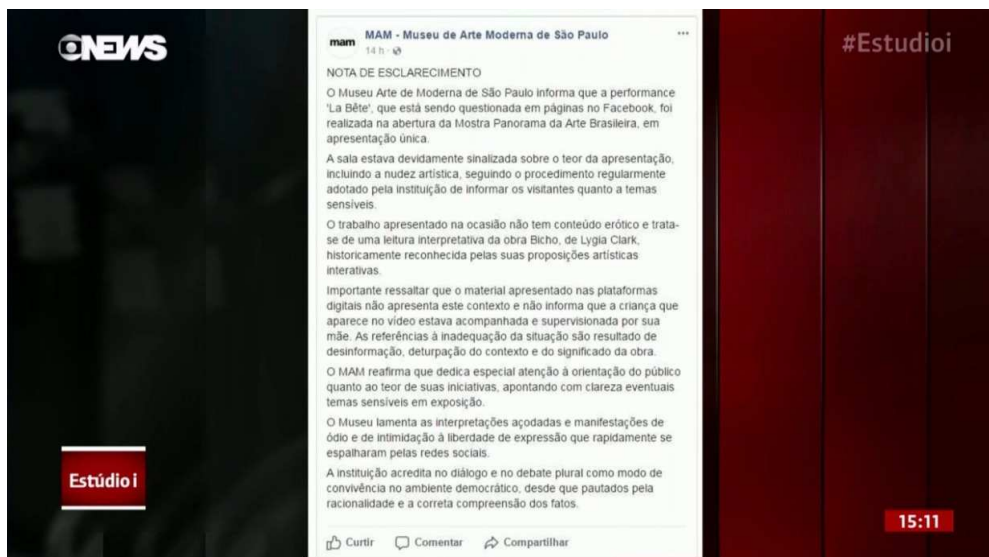
Fonte: Site Globo News.

O artista estava representando a performance *La Bête*, uma leitura interpretativa da obra *Bicho* da pintora e escultora, Lygia Clark. Uma mulher também aparece no vídeo tocando o artista. Nas redes sociais, muitas pessoas protestaram dizendo que a performance era inadequada para o público infantil.

Após a exibição do vídeo que durou mais de um minuto, as imagens que estavam expostas no telão são retiradas. A câmera volta para a apresentadora que lê uma nota emitida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo; no pronunciamento lido ao vivo por Flesch, o MAM se retrata em seus sites oficiais, dizendo que a exposição *La Bête* que é questionada em páginas do Facebook foi realizada na abertura da mostra panorama da arte brasileira que tem apresentação única. Segundo a nota, a sala estava sinalizada sobre o teor da apresentação, incluindo a nudez artística, seguindo procedimento regularmente adotado pela Instituição de informar os visitantes quanto a temas sensíveis.

A jornalista continua a leitura da nota emitida pela assessoria de imprensa que segue destacada na tela.

Figura 30– Nota de esclarecimento do Museu de Arte Moderna de São Paulo publicada nas redes sociais ficou em destaque para que a apresentadora pudesse lê-la na íntegra



Fonte: Site Globo News.

Ainda – de acordo com o museu – o trabalho apresentado na ocasião, não possui conteúdo erótico; trata-se de uma leitura interpretativa da obra Bicho, de Ligia Clark, que é – historicamente – reconhecida pelas suas proposições artísticas interativas. O museu ressaltou que o material apresentado nas plataformas digitais, não apresenta este contexto. Para a Instituição, as referências à inadequação da situação, são resultado de desinformação, deturpação do contexto e do significado da obra.

O MAM reafirmou que dedica especial atenção à orientação do público quanto ao teor das suas iniciativas, apontando, com clareza, eventuais temas sensíveis em exposição. O museu, ainda lamentou as interpretações açodadas e manifestações de ódio e de intimidação a liberdade de expressão que rapidamente se espalharam pelas redes sociais. A Instituição disse que acredita em diálogo e debate plural como modo de convivência no ambiente democrático, desde que pautados pela racionalidade e pela correta compreensão dos fatos.

Após a leitura da nota oficial, a jornalista volta a destacar – no telão com o uso do tablet – mais uma opinião de um telespectador.

“O retrocesso do Brasil é flagrante. A arte é sempre alvo quando a democracia não anda bem”. Francisco Pinheiro.

Figura 31– Outra participação de um assinante contrário a exposição em São Paulo



Fonte: Site Globo News.

Essa foi uma participação do internauta Francisco Pinheiro, que enviou a mensagem via Twitter. Foi possível perceber que a produção – nesse caso – não corrigiu abreviações na grafia do assinante. Tema mencionado anteriormente nas explicações do processo de filtragem do conteúdo que chega à redação.

A jornalista volta a dizer que o tema é delicado. Nesse momento, o enquadramento, que a todo momento estava fechado nela, é aberto para a apresentação da mesa de comentaristas. Um deles – Guedes – explana que, particularmente, não levaria seu filho para uma exposição como a referida. Disse ainda que não achou interessante nem inteligente a exposição: achou de mau gosto (Figura 32).

Em seguida, a apresentadora concede a palavra para outro comentarista (Figura 33). Desta vez, para o médico, Luiz Fernando Correa, que concorda com Guedes.

“É de profundo mau gosto, mas cada um faz o que quer da vida. O que eu acho ruim em relação à criança é que a sociedade já vem há

algum tempo acelerando a maturação da criança. Criança tem que ser criança. Hoje em dia, as crianças não têm espaço para isso. Menina pequena já quer se comportar como mulher. Ela pode até brincar disso, mas não na situação que a gente vê hoje em dia em que ela quer assumir esse papel”, finaliza o médico.

Figura 32– Comentarista do Estúdio I é contrário à exposição do MAM em São Paulo



Fonte: Site Globo News.

Figura 33– Participação do médico e comentarista, Luiz Fernando Correa, durante o programa Estúdio I



Fonte: Site Globo News.

A apresentadora concorda com a opinião do especialista, reforça a opinião dada por dois pais via internet que não levariam seus filhos e chama para a discussão o comentarista Marcelo Lins. Ela explica que no estúdio não há nenhum crítico de arte, e diz: “há quem entenda quem é arte, há quem não”, menciona a mediadora.

Lins, diferentemente dos demais, refere-se aos que criticam virtualmente essa exposição, que ninguém era obrigado a estar presente no local. Menciona que muitos dos que emitiram opinião tampouco sabem do que se trata a exposição, tampouco estavam lá.

O que me parece muito claro é que não havia nenhuma obrigação de ninguém estar nessa mostra. Ninguém é obrigado. Outra coisa que pela nota do MAM da qual não temos porque duvidar estava claro, que nesta performance há um homem nu que faz um papel de um animal que pode ser manipulado nas suas juntas. O que não dá é para gente achar normal também nas redes sociais surgirem milhares de juízes da moralidade alheia querendo o que pode ou não fazer”, comenta o jornalista.

Figura 34– O comentarista Marcelo Lins. O único dos entrevistados que – durante o programa – justificou compreender a exposição



Fonte: Site Globo News.

A apresentadora, por mais de três vezes durante a explanação de Lins, tenta cortá-lo. Quando o interrompe diz que embora não tenha nenhum crítico de arte no programa, ela aproveita a deixa para chamar no telão do programa, Antonio Grassi, diretor-executivo do Instituto Inhotin, um dos maiores acervos

de arte contemporânea do país. A gente sabe que a arte é espaço para debate, eu já vi você falando isso diante de outras polêmicas. Ela pergunta ao diretor que censurar não é bacana, né?

A entrevista realizada – ao vivo, via Skype – ocorre estando Grassi em Inhotim – maior museu a céu aberto do mundo – localizado no município de Brumadinho, Minas Gerais. A entrada do entrevistado – inicialmente – apresenta o áudio distorcido, porém, a produção do programa consegue ajustar a falha na comunicação.

Figura 35– Durante a entrevista realizada – via Skype – algumas falhas técnicas comprometeram a audição e visibilidade do diretor-executivo do Instituto Inhotim



Fonte: Site Globo News.

O diretor fala que a questão fundamental é falar de liberdade de expressão. Quem aprova esse tipo de arte tem o direito de ir com seus filhos; quem discorda deve respeitar. O diretor afirmou ainda que o que os internautas não podem é querer que ninguém possa frequentar exposições como esta. Fala que o momento é preocupante quando vivemos uma onda conservadora. Após a conclusão da fala do diretor, o programa vai para o intervalo comercial.

A apresentadora volta do intervalo falando, novamente, o diretor-executivo do Instituto Inhotim e questiona Grassi se já sofreu retaliação em alguma exposição. Ele destacou que – no Inhotim – cuidam justamente por ser um centro de arte contemporânea importante, estar atento às recomendações

do público-alvo, do conteúdo que será exibido. Ele reforça que este tipo de posicionamento presenciado na internet fecha qualquer possibilidade de discussão e diálogo. Ainda segundo ele, isso que não podemos aceitar.

A apresentadora encerra a entrevista agradecendo ao entrevistado; logo após, lê mais uma mensagem enviada por um telespectador na Janela Interativa.

“Quem financia? Meus impostos NÃO são para isso”, Renato Wall.

Figura 36– Polêmica entre internautas envolvendo o MMA é destaque durante o programa Estúdio I. Redes sociais são consultadas pela produção da revista eletrônica



Fonte: Site Globo News.

Após a leitura do assinante, o comentarista Guedes concorda com a opinião do telespectador; se há dinheiro público envolvido, a responsabilidade do curador aumenta: ele tem que fazer algo que seja menos provocativo e mais universal.

Grassi fala que algumas obras podem incomodar algumas pessoas; outras não. Não podemos equalizar todo mundo por um sentimento subjetivo; portanto, a questão é de lidar com o equilíbrio e deixar claro o que as pessoas poderão ver, pois são de valores e gostos distintos. A curadoria precisa ser responsável, sempre houve recomendações por parte da coordenação.

Flesch finaliza o programa dizendo que a conclusão que se chega no debate é que a pauta denota a necessidade de uma liberdade individual. Então cada pai deve decidir se deve ou não levar seu filho à exposição. Não se deve impor uma censura aparentemente prévia ao que é arte; ao que alguns consideram arte, outros classificam como algo de mau gosto.

O bloco com 16 minutos e 24 segundos revelou que apenas uma fonte especializada foi ouvida. A plataforma tecnológica permitiu que – de Minas Gerais – o diretor-executivo do Instituto Inhotim pudesse trazer informações relevantes sobre a polêmica. A fonte consultada foi a única com expertise e propriedade para abordar o assunto.

A mesa fixa de comentaristas do programa apresentou uma posição conservadora e taxativa de que a exposição não poderia ser considerada arte. Dos quatro comentaristas que estavam na mesa, não contabilizando a apresentadora que realizou a mediação, ficou clara a inconformidade de dois comentaristas. Chama a atenção que em um debate deste nível, comentaristas não estejam abertos a opiniões divergentes. Na verdade, o telespectador paga pelo acesso ao conteúdo desta emissora – e essas emissoras não podem ir contra esse conservadorismo sob pena de perderem assinantes; conseqüentemente, dinheiro.

Notória foi a narrativa do médico, Luiz Fernando Correa, que expressa uma opinião conservadora, tendo em vista que sua área médica exige uma visão ampla do mundo contemporâneo. O comentarista Guedes adota uma postura centralizadora, dizendo que jamais levaria seus filhos para ver uma exposição como esta. Marcelo Lins faz uma ponderação sensata dizendo que cada um tem o livre-arbítrio de definir o que assistir ou não.

Percebemos que a postura da mesa condicionou o debate unicamente a uma fonte; embora a apresentadora tenha destacado a opinião de telespectadores que – unânimes – foram contrários à exposição. No que tange às fontes, o diálogo poderia ter sido mais rico se a produção tivesse planejado melhor a disposição de comentaristas que deveriam ter mais propriedade para debater o assunto. Em relação às fontes, mais uma vez a discussão se tornou rasa, na medida que apenas uma fonte tinha expertise para tratar do fato. As demais fontes/comentaristas pouco articularam. Não se contemplou opiniões divergentes dos telespectadores.

Outras questões técnicas percebidas foram o vazamento do áudio do editor-chefe do programa Felipe Vazquez quando ocorria a entrevista via Skype e as recorrentes falhas no áudio do entrevistado. Soma-se àquelas, o sinal da internet que deixou a imagem pouco nítida, e – por final – o vazamento de uma câmera no enquadramento do programa.

Figura 37– No canto esquerdo do vídeo, é possível ver o cinegrafista que – mal orientado pelo diretor de imagens – deixa vazar a câmera durante o programa ao vivo



Fonte: Site Globo News.

Durante a discussão de um tema que gerou tanta polêmica nas redes sociais, poderia se ter aberto um espaço maior para as fontes; os comentários lidos ao longo do programa foram apenas contrários à exposição. Do ponto de vista jornalístico, a abordagem foi parcial e deixou lacunas sobre aspectos que deveriam ser tratados de forma mais ampla. Apenas o especialista conseguiu trazer elementos para o debate que não foram respondidos por uma desqualificação das fontes selecionadas para discutir a temática. Isso foi possível perceber ainda – mais claramente – quando a apresentadora falou, por duas vezes, que no estúdio não estão especialistas no assunto.

Voltando para os preceitos do agendamento de fontes, para a produtora Elayne Cirne, o fato de a equipe do Estúdio I ser reduzida faz com que o Skype seja considerado um recurso que permite mais agilidade na marcação das entrevistas com as fontes e não exige que uma equipe que necessite se

deslocar da redação; nesse tempo, a produção pode solicitar para a equipe a gravação de uma reportagem, por exemplo.

Cirne explicou que – nesse processo de controle das plataformas tecnológicas, principalmente no Skype – os editores de texto possuem autonomia para alterar todo o conteúdo jornalístico feito pela equipe de produção. Os editores elaboram a pauta que orienta a condução da entrevista realizada via Skype. No dia da pesquisa, não houve nenhuma entrada de entrevistados por Skype; neste dia, então, Elayne ajudou na edição dos textos devido ao número de profissionais ser enxuto: apenas três. Para a produção do programa seria ideal pelo menos cinco editores de texto.

Durante a pesquisa realizada na emissora todos os profissionais afirmaram trabalhar com uma demanda expressiva de trabalho. Segundo os que integram o grupo de jornalistas do programa Estúdio I, o número de colaboradores deveria ser maior, já que há grande responsabilidade de manter no ar o programa que tem tão longa duração. No processo de edição de texto, é exigido deles concentração, atenção e agilidade para que o conteúdo possa ser veiculado na medida que chega à redação. Uma indicação dos editores de texto é a de que mais profissionais pudessem integrar a equipe, que já foi maior.

A equipe de produção do Rio de Janeiro é responsável pelas entradas dos cerca de dez repórteres que abastecem todos os telejornais da Globo News. Já a praça da Globo News de São Paulo encaminha as previsões todas as manhãs. O que está sugerido nem sempre é utilizado ou aproveitado pelos jornalistas. A reunião de pauta da equipe do Estúdio I é realizada todos os dias após o encerramento do programa; normalmente acontece pelas 5 horas e 30 minutos. Nela são tratadas as pautas pré-produzidas, reportagens especiais, o espelho do dia seguinte, se alguma entrevista já foi marcada para ser realizada via Skype, e se algum assunto que foi abordado vai merecer receber um novo destaque ou aprofundamento.

Para Elayne, o desafio em trabalhar com as plataformas tecnológicas incorporadas no Estúdio I é motivador; embora exista um controle sobre os processos, tudo pode acontecer ao vivo. Sobre as fontes, ela reafirma que existe um controle, ao final, a produção é que decide quem entra na revista eletrônica. A jornalista revelou que muitas das fontes consultadas ou

entrevistas durante o programa são aquelas que a equipe conhece ou já em algum momento deu um indício de confiabilidade.

Ela acredita que as tecnologias que atualmente fazem parte do programa agregaram ao jornalismo do Estúdio I, o caso da menina com hidrocefalia exemplifica bem o contexto. A pauta não era factual. No dia da entrevista a estudante estava em São José do Rio Preto, São Paulo, e o procedimento padrão da equipe seria pedir para a praça do interior de São Paulo (Afiliada Rede Globo), que possui uma carência ainda maior de recursos, realizar a entrevista com a menina (sonora). Segundo a produtora, o factual da emissora local poderia não dar conta da demanda de produção solicitada, e o resultado poderia ser a pauta cair, tendo em vista que as notícias já estavam na internet com milhares de visualizações. Ou seja, o Estúdio I teria que noticiar o fato no dia para não perder para o fator tempo; se o assunto fosse tratado em outro dia, perderia força. Mas não podemos deixar de mencionar que, ao mesmo tempo, estas novas tecnologias também são sinônimos de possíveis ruídos.

Porque o sinal pode estar bom na hora, mas já aconteceram várias coisas de a gente estar falando com uma pessoa e, do nada perder, o sinal.

A produtora aproveitou para destacar que os dois estagiários que integram a equipe do Estúdio I – Nicolas e Renan – também ajudam neste processo, bem como, na seleção de imagens que cobrem entradas ao vivo dos repórteres, reportagens, edição de notas e alguns textos. Durante a conversa com Mariana, os dois estagiários estavam em contato com repórteres que fariam as entradas ao vivo e responsáveis, inclusive, por repassar as cabeças (como a apresentadora vai chamar os repórteres).

O Estúdio I não dispõe de repórteres fixos. Tudo depende da escala da emissora, o que pode variar bastante. Há um sistema que possibilita visualizar as equipes que estão disponíveis; no Estúdio I, a equipe é composta por duas produtoras, três editores de texto, dois estagiários, uma apresentadora, 17 comentaristas (nem todos fixos), um editor-chefe e um editor-executivo. Naquela (segunda-feira), a repórter Gabriela Ferreira estaria de plantão no Cadeia Pública de Benfica, zona norte do Rio de Janeiro, para cobrir a possível saída do ex-governador do Estado Sérgio Cabral do presídio. A entrada

realizada ao vivo foi reaproveitada para outros programas com um boletim (Gravação do repórter no local com as principais informações sobre o acontecimento.)

O principal assunto da revista eletrônica, como já mencionado anteriormente – o número de desaparecidos foi sugerido pela chefia da Globo News de São Paulo. Segundo a produtora, os dados expressivos tornaram o assunto a pauta do dia. Para facilitar a rotina do repórter que entraria ao vivo, ela separou um estudo já publicado pelo Portal da Globo - G1. Essa medida concedeu mais aporte para o repórter e para a apresentadora se inteirar do caso.

É notório que, no dia a dia, exista uma convergência entre as mídias; nesse caso, foi possível observar que as informações já publicadas antecipadamente no Portal de Notícias da Globo, ajudaram os demais profissionais a construir as notícias. No caso da televisão, que depende de mais tempo para a produção das matérias, em virtude do deslocamento da equipe e dos aparatos tecnológicos, o G1 proporcionou maior facilidade para a produção. Outra observação é que o contrário também se estabelece. Quando a equipe está no local, produz a matéria e a exibe, o site também se apropria das novas informações e as inclui no material já publicado. As atualizações passam a ser frequentes, principalmente na editoria de política.

Atualmente a maior produção de conteúdo do Estúdio I ainda é no Rio de Janeiro. Em São Paulo, existe também uma produção própria do programa que analisa o que está acontecendo na cidade e oferece para a praça do Rio de Janeiro. Chama atenção, neste caso, que cabe somente aos diretores do programa e aos editores de texto a autonomia para escolher os assuntos que devem entrar no programa.

O Estúdio I – desde seu início – procura ceder espaço para os recursos tecnológicos; com as mudanças feitas na estrutura do estúdio do programa, elas passaram a ser ainda mais frequentes. Como exemplos, podemos citar a câmera grua, que garante uma visualização maior do estúdio; a janela interativa e mais espaço para que os assinantes que podem estar presentes online. Nestes casos, pelo telão e pela janela interativa.

Há – sem dúvida – uma ilusão de ótica no que se refere ao tamanho do estúdio. Os enquadramentos realizados pela direção de imagem proporcionam aos telespectadores uma visão maior do que a realidade.

Figura 38– Nova estrutura do programa Estúdio I. O Espaço é exclusivo para a revista eletrônica. No local, nenhum outro programa é gravado



Fonte: Mateus Koelzer.

Portanto, são entrevistas realizadas por Skype, twitters e atendimentos feitos pela Central de Atendimento ao Telespectador (CAT). O CAT é outra possibilidade que os telespectadores têm – por telefone – de contato com o programa. Os comentaristas que integram a mesa do programa diariamente trazem sugestões de assuntos que são abordados por durante o programa; as produtoras redigem – todos os dias antes de encerrar as atividades – anotações, uma espécie de previsão de quais outros comentaristas devem

compor a mesa do dia seguinte, bem como os assuntos a serem tratados por cada um. A ideia da revista eletrônica é variar a presença dos comentaristas para que não seja um programa repetitivo e que possa oferecer aos telespectadores a possibilidade de diferentes editorias.

Durante a entrevista, Mariana citou o convidado, ator Ari Fontoura; nesse caso, ela buscou realizar um resumo do que seria abordado, também um histórico do artista. Esta medida garante mais segurança para a apresentadora. Conforme a produtora, ela consegue ter maior domínio dos aspectos que devem ser discutidos. Ainda segundo a produtora, a apresentadora Maria Beltrão pede para a produção curiosidades sobre os entrevistados que possam ser interessantes e render mais conteúdos. Mariana relatou que nessas situações, prefere ligar antecipadamente para quem irá ao programa para obter mais detalhes.

Os entrevistados que participam do programa, pelo Skype, recebem a mesma atenção: são informados previamente de tudo que será questionado. No entanto, o resumo feito pela produtora é menor porque a entrevista é diferente da de quem está no estúdio. Em média, o entrevistado permanece de cinco a dez minutos no Skype.

Há um incremento de entradas ao vivo e são utilizados ainda fragmentos em vídeo captados por sistemas de segurança, fotos, infografias e conteúdo dos colaborativos, que correspondem a breves registros inseridos nas notícias construídas pelos próprios jornalistas como material ilustrativo de suas narrativas. (BECKER, 2016, p. 49-50).

Mariana enfatizou que a produção do Estúdio I se concentra no Rio de Janeiro. Todos os conteúdos são reunidos na sede, somente São Paulo tem uma produção própria, mas que depende da praça do Rio de Janeiro, ou seja, não opera independentemente. Segundo ela, o Estúdio I procura ceder espaço para entrevistas que também são por Skype. Muitas delas servem para que os comentaristas da mesa possam também interagir com quem articula na plataforma, e ainda oportuniza que os comentaristas e especialistas abordem os assuntos de suas editorias. Sempre antes do término do programa uma nova previsão é editada pela produtora que é encaminhada posteriormente para toda a equipe do programa Estúdio I. Nela são informadas possíveis pautas para o próximo dia, matérias que estão em andamento, reportagens

pré-produzidas e também quais serão os comentaristas e sobre o que eles devem abordar. Vale ressaltar que todos os comentaristas da mesa possuem total autonomia para trazer seus assuntos; no entanto, que cada um deles possui uma editoria fixa que dificilmente é alterada. Mesmo assim, percebemos – ao longo do programa – que nada impede de qualquer um deles fazer inferências e articulações sobre fatos que não são de suas atribuições ou especialidades.

Como citado anteriormente, o primeiro procedimento adotado pela produtora é ler os e-mails. É imprescindível não esquecer que muitos deles não são aproveitados e também tomam um tempo considerável da equipe que necessariamente os lê porque todos podem ser possíveis pautas. Segundo a produtora, muitos telespectadores encaminham materiais que não são aproveitados o que é creditado ao fato de o programa ser uma revista eletrônica e englobar diversos assuntos. A editoria de política exerce um papel fundamental no programa; por isso, a chefia de Brasília recebe uma atenção especial. As pautas de cunho político que são abordadas, normalmente carecem de um comentário, opinião ou esclarecimento. Uma característica do programa: A previsão de quais são os profissionais/comentaristas elencados para formar a mesa pode mudar a qualquer momento.

A equipe de comentaristas do programa Estúdio I já passou por adequações. Atualmente é composta por: André Trigueiro (Sustentabilidade), Artur Xexéo (Cultura), Artur Dapieve (Cultura), Daniel Sousa (Economia), Flávia Oliveira (Economia), LuisFernandoCorreia (Saúde), MarceloLins (Internacional), Maria Prata (Moda), Octávio Guedes (Política), Rafael Coimbra (Tecnologia), RonaldoLemos (Tecnologia), Comportamento/Cultura), Sidney Garambone (Esportes), Valdo Cruz (Política). Comentaristas eventuais: Guilherme Peña (Direito), Michael Mohallem (Direito) e Paulo Mariotti (Moda/Paris).

Os comentaristas recebem sempre a previsão dos conteúdos deles conforme informado anteriormente. A produção informou, no dia da entrevista, que o Rio de Janeiro é prioridade depois das discussões mais pesadas na editoria de política. Após essa definição as equipes (repórter, cinegrafista e motorista), partem para a externa.

Segundo a produção do programa Estúdio I, a editoria de São Paulo acaba decidindo as pautas mais em cima da hora; conseqüentemente, tem os conteúdos exibidos depois da metade do programa. Outro detalhe é que a previsão dos conteúdos jornalísticos elencados pela capital paulista é direcionada apenas para os editores-chefes.

No momento da realização da pesquisa, a equipe que produz o Estúdio I é formada por: Felipe Vazquez (Editor-Chefe), Rodrigo Caruso (Editor-Executivo), Patricia Rocha (Editora), Juliana Dametto (Editora), Caroline Holder (Editora), Pedro Rabello (Editor), Liana Leitte (Editora), Elayne Cirne (Produtora), Renan Peixoto (Estagiário) e Nicolas (Estagiário).

Figura 39– Parte da Equipe que produz o Programa Estúdio I em reunião de pauta



Fonte: Mateus Koelzer.

Depois da execução desse processo, cabe a produção elencar quais serão as entradas ao vivo e os boletins que farão parte da revista eletrônica. Um e-mail é encaminhado para toda a equipe estar ciente do que está sendo planejado. A apresentadora Maria Beltrão – mesmo ainda não presente na redação – acompanha todo o processo pelo celular dela. Uma das preocupações da produção do programa é que determinadas pautas possam não render conteúdo como o previsto; por isso, as pautas são constantemente analisadas pela equipe.

Conforme mencionado pela produção do Estúdio I, o principal atrativo tecnológico do programa é a Janela Interativa. Uma tela onde as opiniões dos telespectadores são expostas (Figura 40).

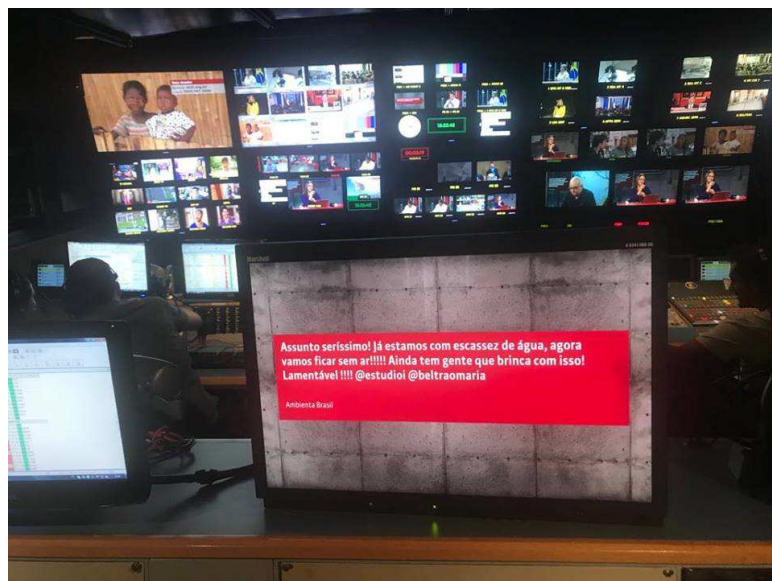
Importante ressaltar que – antes deste processo – a produção é responsável por filtrar e analisar os comentários, que em seguida serão exibidos e em alguns casos lidos pela apresentadora (Figura 41). Tudo o que será exposto na Janela Interativa fica visível no espelho do programa (recurso que os jornalistas utilizam para escrever).

Figura 40–Janela Interativa espaço de interação dos telespectadores do programa



Fonte: Mateus Koelzer.

Figura 41– Pré-produção da Janela Interativa. Todo o conteúdo é revisado pelo produtor antes de ser exibido durante o programa



Fonte: Mateus Koelzer.

Na foto acima, o registro fotográfico feito dentro do Switcher (sala de controle onde o diretor coloca o programa no ar). Nela é possível ver o comentário de um telespectador que participou do programa se posicionando: “Assunto seríssimo! Já estamos com escassez de água, agora vamos ficar sem ar!!!! Ainda tem gente que brinca com isso! Lamentável!!!!” @estudioi @beltraomaria. Internauta que se identificou como @Ambienta Brasil.

Porcello (2015) trata dessa agilidade exigida no meio televisivo.

Outra questão recorrente em todas as redações de TV do mundo é a falta de tempo para produzir e montar a matéria. Desde que a TV começou – e os equipamentos eram muito mais rudimentares – até os dias de hoje, ouve-se essa queixa. E mesmo com a TV Digital e outros tantos avanços tecnológicos que ainda estão por vir, a reclamação vai continuar. É da natureza da televisão a escassez de tempo para o fechamento do material. TV é ágil, instantânea, conta a história enquanto ela ainda está acontecendo. (PORCELLO, 2015, p.164).

No jornalismo televisivo, Marcondes Filho (2000) ressalta que as tecnologias também definem os critérios de edição. Ele afirma que a visibilidade técnica se impõe como modelo estético.

O imperativo da velocidade também resulta na condição da notícia de defasagem mínima entre o fato e a narrativa do fato, o que é chamado de “tempo zero”. (PICCININ, 2006, p.148).

Os conceitos tratados pelos autores se refletem em um acontecimento que aconteceu durante o programa do Estúdio I. Uma das entradas ao vivo que estava prevista no espelho do programa não ocorreu porque a equipe que iria ser utilizada no programa Estúdio I não conseguiu chegar a tempo no local. A decisão foi – então – a de que os jornalistas ficassem no local para fechar uma matéria para outro noticiário.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE FONTES

A televisão depende daquilo que circula em rede para sustentar a sua programação; neste sentido, percebe-se que os profissionais frequentemente caem em um “comodismo” extremamente perigoso. Nem sempre as informações que chegam até as redações estão corretas ou precisas. O trabalho de apuração nas redações é fundamental para os repórteres; no entanto, nem sempre é feito de forma eficaz. O que evidentemente garantiria um subsídio maior para quando o repórter se dirigiria à pauta. O profissional teria – assim – um maior domínio do fato e das informações relevantes que podem agregar ao conteúdo jornalístico.

No esforço de contemplar uma discussão sobre fontes de informação podemos situar de um lado os teóricos que se limitaram à construção do conceito e de tipologias; de outro, os críticos desta função jornalística voltados ao jogo de interesses entre jornalistas, fontes e a sua profissionalização.

Nilson Lage (2003) revela o conceito de fontes:

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes. É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas. (LAGE, 2003, p. 49).

Em seu histórico, as fontes de informação não eram treinadas para desempenhar este papel. Segundo Lage, originalmente se dava voz a funcionários públicos, diretores de empresas e políticos. Já, após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento das assessorias de imprensa, os contatos com as instituições passaram a ser realizados com uma intermediação profissional.

Essa transformação foi recebida com desconfiança: dizia-se que a existência de assessorias limitava o movimento dos jornalistas e os submetia a uma espécie de censura da informação na fonte. Até hoje, em muitos países, como em Portugal, nega-se a condição de jornalista aos profissionais que passam a trabalhar em assessorias; em toda parte, é comum repórteres considerarem assessores de imprensa mais

como antagonistas do que como colaboradores no processo de produção de informação. (LAGE, 2003, p. 50).

Assim, o surgimento das assessorias exerceu um papel fundamental para que houvesse a profissionalização do setor de informação pública, tanto do lado de quem fornece a informação, quanto de quem a coleta.

Indo além desta ideia mais generalista, Lage (2003) aponta que as fontes podem ser mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais, e – na avaliação do autor – podem ser classificadas da seguinte maneira: oficiais, oficiosas, independentes, primárias e secundárias, testemunhas e *experts*.

Para o autor, as fontes oficiais “são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc.” (LAGE, 2003, p. 63). As oficiosas são “aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido.” (LAGE, 2003, p. 63).

As fontes independentes “são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.” (LAGE, 2003, p. 63). Quanto às fontes primárias e secundárias, Lage destaca:

As fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais. (LAGE, 2003, p.66).

Para Neto (2008), as fontes primárias são aquelas que irão ser entrevistadas na matéria. No caso da televisão, a pessoa será considerada uma boa entrevistada se apresentar uma boa comunicação frente ao veículo. Neto explica ainda que as fontes secundárias passam as informações sem serem entrevistadas.

Finalizando sua classificação das fontes, Nilson Lage conceitua ‘testemunhas’ e ‘*experts*’. O testemunho é modificado pela perspectiva, já os *experts* são geralmente as fontes secundárias, que são procuradas em busca de versões ou interpretações de eventos.

Nelson Traquina (2004) destaca que a rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem reflete, por um lado, na estrutura social e de poder existente; por outro, na organização por meio das exigências dos processos produtivos. O autor reforça a ideia de que, para os jornalistas, qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação:

Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto. Um dos aspectos fundamentais do trabalho jornalístico é cultivar as fontes. O desenvolvimento da relação com a fonte é um processo habilmente orientado com paciência, compreensão e capacidade de conversação sobre interesses comuns, até formar um clima de confiança. (TRAQUINA, 2004, p. 190-191).

A busca pela fonte requer tempo e, assim como ela, também os jornalistas, tanto individualmente como enquanto grupo profissional, detêm um poder que não pode ser menosprezado. Assim, as relações que são estabelecidas com as fontes devem ser dotadas de alguns cuidados. Segundo Neto (2008), receber informações de determinada fonte não é um indício de que a fonte seja sua amiga.

Neto explica que, embora devam ser tomados alguns cuidados com as fontes, elas são essenciais para a rotina produtiva de todo o repórter; é com elas que o trabalho do jornalista poderá alcançar mais destaque. Para Lage (2003), grande parte das notícias não seriam conhecidas se não fosse a iniciativa das fontes em divulgá-las por algum interesse próprio. Partindo desta premissa, Pinto (2000) analisa algumas mudanças ocorridas no campo jornalístico e faz referência a três aspectos: a crescente concentração das empresas jornalísticas e mediáticas em grandes grupos econômicos, a crescente *tabloidização* da informação televisiva e a precariedade do trabalho nas redações.

Neste contexto, Pinto irá conduzir a discussão sobre as fontes a um outro ponto, indo em direção à questão sobre “o que procuram as fontes, quando buscam a atenção dos *media* ou os jornalistas quando recorrem às fontes? Que motivações as conduzem? Que objetivos e finalidades perseguem?” (PINTO, 2000, p. 280).

Dentro do jogo de interesses acima destacado, Pinto observa que – nas últimas décadas – foram sendo constituídos campos de saber, instituições diversificadas e uma diversidade de profissionais que se posicionam estrategicamente na órbita da mídia, interessadas em serem suas fontes privilegiadas. Assim, pelas ideias desse autor, a instância privilegiada de mediação social que o jornalismo ainda constitui passou a ser disputada por fontes organizadas e profissionalizadas que vieram complexificar os processos sociais de recolha e seleção das notícias; por conseguinte, os processos de construção da própria realidade social.

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa (2004) destaca alguns autores importantes que descrevem “teorias” e estudos sobre fontes de informação e jornalistas. A descrição do autor se dá no contexto de uma revisão sobre o *newsmaking*.

Mesmo existindo objetivos diferentes entre as partes, haveria uma tendência a se estabelecer relações baseadas em direitos e obrigações mútuas. Este modelo ressalta a ideia de troca advinda dos interesses de fontes e jornalistas. Segundo Blumler e Gurevitch (1995), o conceito de fonte é ambíguo na medida em que:

As informações de uma fonte individual podem ser avaliadas pela noticiabilidade do acontecimento, mas as informações fornecidas pelas fontes institucionais podem ser aceitas devido a posição, autoridade e credibilidade de tais fontes. (BLUMLER; GUREVITCH apud SOUSA, 2004 p. 68).

3.1 AS FONTES: O ACESSO AO CAMPO JORNALÍSTICO E AS ROTINAS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Na questão relacionada ao acesso ao campo jornalístico e a decorrente concorrência sobre os acontecimentos e sua definição como notícia, Traquina (2004) cita o trabalho dos pesquisadores Molotch e Lester, que sublinham uma questão central do jornalismo ao identificar três tipos de acesso ao campo jornalístico: o *acesso habitual*, o *disruptivo* e o *direto*.

O acesso habitual é caracterizado quando:

O indivíduo ou grupo está tão localizado que as suas necessidades de acontecimentos normalmente coincidem com

as atividades habituais de produção jornalística do pessoal dos meios de comunicação social. (TRAQUINA, 2004, p.187).

Já o acesso *disruptivo* pode ser entendido quando o acontecimento não coincide com a rotina, sendo produzido para perturbar as formas habituais de produção de acontecimentos. Para Molotch e Lester (1974 apud TRAQUINA, 2004, p.188), “[...] os poucos poderosos têm de ‘fazer notícias’, entrando em conflito, de qualquer modo, com o sistema de produção jornalística, gerando a surpresa, o choque ou uma qualquer forma latente de ‘agitação’”.

O acesso *direto* se caracteriza pelo espaço destinado aos próprios jornalistas, “que exercem um poder na capacidade de determinar que reportagens ou trabalhos de investigação jornalística pretendem desenvolver”. (TRAQUINA, 2004, p.188).

Nelson Traquina exemplifica esta situação com uma metáfora do jogo de futebol onde – eventualmente – um time grande perde para um time pequeno dando a entender, portanto, que um agente social com menos recursos poderá ganhar a luta em torno da construção de um acontecimento. Ainda assim, fica claro que – pela teoria interacionista – o jogo penderá a favor dos mais poderosos e que o acesso ao campo jornalístico é vital, bem como a rede noticiosa que as organizações jornalísticas são obrigadas a estender.

Na questão relacionada às fontes e à rotinização da produção jornalística, observa-se que as rotinas de trabalho constituem fator determinante na produção jornalística. Para Traquina (2004), da natureza do trabalho jornalístico e sua constante tensão emerge um certo padrão que reflete as necessidades usuais da profissão. O autor utiliza como exemplo a logística de grandes coberturas para explicar como – muitas vezes – é estabelecida a predominância de um centro decisório que diminui a importância do repórter e onde poucas fontes “geram” notícias. O caso serve para verificarmos que tal rotinização do trabalho leva à dependência das fontes oficiais.

Com isso, Traquina (TRAQUINA, 2004, p. 195-196) adverte que, para a teoria interacionista, os critérios profissionais adotados que avaliam as fontes podem causar a dependência nos canais de rotina; as consequências são negativas sobre o trabalho jornalístico. Essa rotinização do trabalho traz a dependência a fontes oficiais, onde grupos sociais que atuam fora do consenso

são vistos como marginais. Assim, fica claro que tanto a teoria estruturalista quanto a teoria interacionista defendem que as notícias são aliadas das instituições legitimadas; que não há uma conspiração direta; que a conexão das fontes e dos jornalistas acabam apoiando interpretações oficiosas de acontecimentos controversos. Traquina (2004) observa que, no entanto, a teoria interacionista defende que o papel dominante das fontes oficiais não é automático, pois se o jornalismo pode ser uma força conservadora, ele também pode constituir um recurso para os agentes sociais que contestam o *status quo* e os valores dominantes.

Alguns estudos demonstram que os agentes sociais com menos recursos conseguem mobilizar as notícias como um recurso a favor da sua causa. No estudo britânico que visava examinar expressadamente a interação entre fontes e jornalistas na problemática da AIDS, Muller e Willians (1993) sublinham que as “vozes alternativas” conseguem fazer-se ouvir mas os autores concluem: “*nós não discordamos de que as fontes poderosas jogam um papel crucial no resultado final dos media noticiosos*” (TRAQUINA, 2004, p.200-201, grifo do autor).

3.2 AS MÍDIAS DAS FONTES

No atual cenário da difusão de informação no Brasil, surge um novo ator que se diferencia das tradicionais mídias. Entre os meios tradicionais de comunicação, públicos ou privados, novos veículos informativos são ofertados ao público por organizações profissionais, sociais e inclusive por segmentos do Poder Público. São mídias mantidas e administradas por atores sociais que – até então – limitavam-se a desempenhar o papel de fontes de informações; por isso eram denominadas MÍDIA DAS FONTES. Estas fontes são verdadeiras organizações políticas. Elas atuam de forma semelhante às entidades representativas e grupos de interesse que se apresentam na esfera pública desempenhando o papel de atores políticos (OFFERLÉ, 1994, p. 47). Deter uma visibilidade pública é o objetivo desses grupos uma vez que, para interferir na esfera pública, neste período de pós-modernidade, é necessário estar inserido na agenda midiática. Desta forma, a imprensa tradicionalmente vista como um espectador externo aos fatos começa a perder a totalidade do domínio da cena informativa. A opinião pública passa a contar com

informações coletadas, selecionadas, tratadas editorialmente, filtradas e difundidas por entidades ou movimentos sociais: corporações detentoras de interesses corporativos. Assim sendo, esta nova mídia poderia ser igualmente classificada como mídia corporativa, um meio informativo preocupado não apenas em transmitir informações intracorporis, mas principalmente ocupar a agenda midiática com o ponto de vista setorial referente aos fatos gerais. Um veículo que permite trazer à sociedade em geral, mediante a difusão de informações, a perspectiva do segmento sociopolítico que o mantém e que permite igualmente interferir na moldagem da esfera pública. Assim sendo, poderíamos pensar em classificar o conjunto de informações difundidas por esta mídia enquanto uma modalidade diferente de prática jornalística, denominando de Jornalismo das Fontes e considerar os profissionais que nela atuam de Jornalistas das Fontes.

A pesquisadora aponta um estudo feito no ambiente midiático do Jornal Nacional. O trabalho buscou identificar como o telejornal se relaciona com as mídias digitais e as audiências, tudo a partir de um modelo quantitativo e qualitativo.

Os resultados alcançados neste estudo revelaram que o telejornal tende a se expandir por distintos veículos e canais, distribuindo o mesmo conteúdo e formato em áudio e vídeo e/ou com pequenas adaptações editoriais, nomeadas de shovelware e de repurposing por McCombs (2009) e Salaverria e Negredo (2008), o que não colabora para a qualidade do jornalismo audiovisual. (BECKER, 2016, p. 164).

A televisão (REZENDE, 2000, 2005; WOLTON, 2003; SOUZA, 2004) é entretenimento. Como fonte de entretenimento, ela é capaz de informar já como espetáculo ela agrada ao público. Wolton analisa o modelo de televisões públicas da Europa, mas o mesmo se aplica também ao modelo brasileiro.

A televisão é muito mais do que um aglomerado de produtos descartáveis destinados ao entretenimento da massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – e quase sempre impossível o entendimento nacional. (BUCCI, 1997, p.9).

Mesmo com uma audiência crescente, a televisão desde seu surgimento, criou polêmicas e opiniões divergentes sobre o impacto, a

capacidade e seu poder. Wolton (1996) entende ainda que o público não é mais passivo diante da tela.

Ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parcela da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laçosocial. (WOLTON, 1996, p.67).

Becker (2016) afirma que a televisão e os telejornais oferecem uma forma familiar de entender o mundo e contam a história cotidiana por meio de uma tessitura singular de imagens e palavras. Vale ressaltar que a linguagem da TV necessita ser analisada para compreendermos o sentido que ela estabelece para o receptor.

As emissoras de televisão ainda exploram novas formas de interação com o público, ampliando as entradas ao vivo, investindo em formatos de conversações mais flexíveis entre âncoras, repórteres e audiências e numa linguagem cada vez mais coloquial, combinando informação com entretenimento; incrementando suas relações com as redes sociais, oferecendo possibilidades de realização de comentários, compartilhamento de mensagens e consulta de vídeos; selecionando pautas e reportagens de acordo com o interesse dos cidadãos; e, especialmente, abrindo espaços para a participação das audiências como colaboradoras nos noticiários televisivos. (BECKER, 2016, p.14).

Percebemos que como as fontes oficiais sempre exerceram forte influência nas redações, um nova tendência é a valorização do testemunho. A autora cita, inclusive, casos em que os próprios repórteres não relatam apenas os fatos, mas também as experiência deles, com elevada carga dramática. Como aporte teórico para a presente pesquisa tem papel fundamental também o teórico Néstor García Canclini (2008). O filósofo discute temas ligados à cultura e à globalização. O pesquisador latino-americano aborda também em suas obras os meios de comunicação afirmando que, desde os anos cinquenta, os meios de comunicação se tornaram a principal via de acesso aos bens culturais e simbólicos na América Latina.

Ao mesmo tempo, a escola vê reduzir-se sua influência: primeiro a mídia de massas e, recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicaram os espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural. Também se aprende

a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta. (CANCLINI, 2008, p.24).

A introdução da televisão, na segunda metade do século XX, provocou profundas alterações nas mais diversas ordens:

Na América Latina as transformações promovidas pelos meios modernos de comunicação se entrelaçam com a integração das nações. (...) Martín Barbero chega a dizer que os projetos nacionais se consolidaram graças ao encontro dos Estados com as massas promovidos pelas tecnologias comunicacionais. (...) Para que cada país deixe de ser “um país de países” foi decisivo que o rádio retomasse de forma solidária as culturas orais de diversas regiões e incorporasse as “vulgaridades” proliferantes nos centros 50 urbanos. Como o cinema e como em parte a televisão fez em seguida, traduziu-se a “ideia de nação em sentimento de cotidianidade. (CANCLINI, 1998, p. 256).

No livro, o argentino fala sobre as relações entre cidadania e consumo em tempos de globalização. Um dos aspectos abordados é a mudança que acontece no consumo e as alterações culturais; ele acredita que é por meio do consumo que se cria um sentimento de pertencimento. A principal via de contato com essa diversidade de conteúdos e referências são os meios de comunicação, como a televisão. No capítulo intitulado *O Consumo Serve para Pensar*, ele provoca o leitor para uma questão que liga o acesso à comunicação e discute também os problemas sociais:

Ainda há quem justifique a pobreza alegando que as pessoas compram televisores, enquanto lhes falta a casa própria. Como se explica que famílias que não têm o que comer e vestir durante o ano, quando chega o Natal dissipam o pouco a mais que ganharam em festas e presentes? Será que os adeptos da comunicação de massa não se dão conta de que os noticiários mentem e as telenovelas distorcem a vida real? (CANCLINI, 1999, p. 75).

O questionamento sobre o consumo é provocativo. Antes de tentar encontrar respostas o autor procura mostrar e discutir a maneira como estas perguntas são formuladas.

Hoje vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que a relação entre meios manipuladores e dóceis audiências. Sabe-se que um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se

reconhecem mediadores como a família, o bairro e o grupo de trabalho. (CANCLINI, 1999, p. 76).

O acesso a esses meios cresceu em praticamente todo o mundo. Passa-se a consumir ainda mais imagens e referências que não fazem parte do universo simbólico do “meu” território, ou da “minha nação”. Portanto, surge a necessidade de reorganizar os hábitos culturais, cada vez mais dedicados às mensagens audiovisuais, que têm códigos internacionais de elaboração simbólica. Os conteúdos passam a ser cada vez mais “universais”, no sentido de buscar agregar o maior número de público possível. O livro explora como as visões de cidadania e de consumo podem mudar se estudadas em conjunto e também tomadas como processos culturais. Canclini (2008) vai mostrar que, ao contrário do que muitos vinham defendendo, a globalização não tende a uma homogeneização absoluta, mas há também a preservação de determinadas diferenças. À medida que cresce o consumo dos meios de comunicação dentro dos lares, há uma perda significativa do uso público de lugares urbanos emblemáticos como praças, bares e igrejas. Segundo Santaella (2013), os dispositivos tecnológicos para a interação ser humano-máquina são incorporados ao nosso cotidiano como uma segunda natureza. A autora afirma que a história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória a identidade e a experiência estão todas elas mediadas pelas tecnologias digitais. Portanto, partindo dos conceitos apresentados por Bourdieu e Canclini e do pressuposto de que no cenário do século XXI, compreender os aspectos históricos da implantação da televisão, seu desenvolvimento e, sobretudo, como se estabelecem as relações dos meios tecnológicos com a sociedade ajudam a contextualizar e dar um sentido mais amplo a presente pesquisa.

3.3 JORNALISMO EM REDE: EPISÓDIOS TELEVISIVOS AO VIVO

Com a facilidade de acessar os recursos tecnológicos mudanças nos padrões de comportamentos são perceptíveis por parte dos telespectadores.

No século XXI, a emergência das tecnologias digitais também tem provocado novas formas de perceber e relatar experiências e acontecimentos, atribuindo sentidos aos objetos, às pessoas, às comunidades étnicas e religiosas, às relações e organizações sociais e também a expressão de afetos e intolerâncias. (BECKER, 2016, p. 29-30).

Percebe-se a introdução de novas tecnologias para contar a história. Interações entre a TV e internautas, agora mais do que nunca, reconfiguram o fazer jornalismo. Segundo Bittencourt (2015), isso reflete sobre os atuais modos de circulação de informação.

Traz a discussão sobre o emergente conceito de pós-verdade e os modos como ele pode afetar procedimentos jornalísticos basilares como checagem e precisão. (BITTENCOURT, 2015, p. 4).

Conforme Henn (2012), a consolidação das redes sociais digitais, entre outros desdobramentos, desencadeou nos processos jornalísticos uma série de transformações importantes. A principal delas está na relação entre produção de acontecimentos e narrativas jornalísticas. Essas dinâmicas foram investigadas em duas pesquisas cujos resultados avançaram para a formulação de um conceito que tenta dar um formato teórico para elas. Trata-se do ciberacontecimento, que para o pesquisador, parte do princípio de que existem acontecimentos em curso na cultura contemporânea que já trazem, em suas diversas facetas, as marcas do ambiente digital.

Partindo do pressuposto de que no cenário do século XXI, a fonte jornalística ainda é considerada primordial para o jornalismo, podemos destacar algumas mudanças sofridas neste âmbito. Em décadas passadas, o jornalista necessitava de mais tempo para a execução de suas tarefas, porém, a partir do início deste século, o acesso às fontes ficou mais fácil, considerando os recursos tecnológicos à disposição dos profissionais da área, que lhes permitem obter mais rapidamente as informações desejadas. Em contrapartida, essa nova realidade tem exigido uma reflexão mais aprofundada acerca da confiabilidade dos dados recebidos e da relação estabelecida entre o jornalista e o entrevistado/internauta.

Segundo Santaella (2013), os dispositivos tecnológicos para a interação ser humano-máquina são incorporados ao nosso cotidiano como uma segunda natureza. A autora afirma que a história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória a identidade e a experiência estão todas elas mediadas pelas tecnologias digitais.

Saber o que fazemos com as redes sociais digitais não é tão importante quanto saber o que as redes estão fazendo conosco. O que estão fazendo com nossa subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas

expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com nossos modos de receber informação, de nos darmos contas dos fatos, de adquirir conhecimento, de perceber e reconhecer o mundo. (SANTAELLA, 2013, p.34).

A apresentadora da Globo News foi alvo de uma ação que já aconteceu com outros jornalistas em programas ao vivo. Apesar da ação da Globo em retirar o vídeo do ar, ainda há perfis no Twitter e canais no YouTube em que o internauta é capaz de encontrar o caso. No Twitter muitos usuários tiveram o vídeo bloqueado. No lugar das imagens, havia uma mensagem, em inglês, de que o vídeo havia sido removido por infringir uma lei norte-americana de proteção dos direitos autorais. Na época, o bloqueio do vídeo foi pedido por advogados da Rede Globo. Na ocasião, o internauta utilizou do @cucabeludo para mencionar sua opinião.

Nessas condições devemos ressaltar que os telespectadores/consumidores também são agentes de agendamento, provocando acontecimentos que emergem nas redes sociais e circulam, até serem construídos pelo jornalismo, e conseqüentemente transformados em acontecimentos jornalísticos. Como mencionado anteriormente acontecimentos que apresentam as marcas das redes sociais na internet podem ser chamados de ciberacontecimentos (HENN, 2012).

Segundo Lemos (2008, p. 3), “No ciberespaço, cada sujeito é efetivamente um potencial produtor de informação: serviços colaborativos de informação, comunidades, blogueiros ou microblogueiros – que vivem o fato e relatam em suas páginas pessoais.”.

Deuze (2009), aponta que a cultura de criação está se tornando rapidamente o centro da atividade industrial e individual na emergente economia cultural globalizada. Para ele, a mídia sob qualquer formato ou tamanho, amplifica e acelera esta tendência, pois não apenas consumimos a mídia digital, mas também vivemos nela. E isso ocorre de tal modo que a nossa “dieta” midiática caminha mais para a produção desta do que para o simples consumo. A tecnologia é central no trabalho da mídia atual.

É pertinente utilizarmos também a concepção de Castells (2007) sobre contrapoder. O autor entende poder como a capacidade estrutural de um ator social se impor sobre outros. Todos os sistemas institucionais refletem relações de poder assim como seus limites que são negociados por processos históricos

de dominação e contradominação. Já o contrapoder é visto por Castells (2007) como a capacidade dos atores sociais de desafiar e eventualmente modificar relações de poder institucionalizadas na sociedade.

Recuero (2012) afirma que a conversação em rede permite que a cada dia mais pessoas em todo o mundo possam se conectar através da internet, e conseqüentemente, engajar-se em interações com os demais. Com isso, cada um desses indivíduos é exposto a novas ideias, diferentes pontos de vistas e novas informações.

Com o advento dos sites de redes sociais, essas conversações online passaram a criar novos impactos, espalhando-se pelas conexões estabelecidas nessas ferramentas e, através delas, sendo amplificadas para outros grupos. (RECUERO, 2012, p. 121).

A autora reforça que milhares de novas formas de trocas sociais constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos. São conversações em rede. Tais processos em rede se constituem em conversações coletivas, públicas, permanentes, permitindo a recuperação de parte dos contextos, cujas características da conversação mediada que desvelam e tornam mais complexas as redes sociais expressas no ciberespaço.

Segundo Guareschi (2001, p. 14), a comunicação não é o quarto poder, mas o primeiro e o mais importante, pois constrói a realidade e a imagem das pessoas: “uma coisa existe, ou deixa de existir, na medida em que é comunicada, veiculada”. Essa influência dos meios de comunicação sobre a sociedade evidencia a importância de ressaltarmos a formação técnica e ética do profissional de jornalismo para que ele seja capaz de refletir sobre suas práticas e sobre os respectivos impactos na sociedade dentro deste novo cenário.

Conforme já mencionado, o contexto do século XXI ampliou e facilitou o acesso à informação e à agilidade de difusão do conteúdo, mas essa nova realidade exige uma reflexão mais aprofundada acerca da confiabilidade dos dados recebidos bem com sua transmissão. A cibercultura exerce forte influência não somente nas notícias televisivas como impactam – de forma geral – toda a sociedade.

Apesar do frenético ritmo do mundo contemporâneo, as pessoas desejam ter acesso rapidamente às informações. Para atender a essa necessidade, as emissoras precisam adequar-se às demandas, o que exige, dos profissionais, competência e desempenho para abastecer telespectadores cada vez mais críticos e vorazes, que – atualmente – têm em mãos inúmeras ofertas de canais de conteúdo.

3.4 A APRESENTADORA, MARIA BELTRÃO

A jornalista carioca Maria Beltrão entrou na GloboNews, em 1996 – mesmo ano em que se formou em jornalismo pela extinta UniverCidade – no início das transmissões do canal. Apresentou programas na emissora como *Pelo Mundo* e *Entre Aspas*. Desde 2006, participa das transmissões do Oscar na Globo e – há dez anos – comanda o Estúdio I. Beltrão nasceu na década de setenta. Filha de arqueóloga e do ex-ministro Hélio Beltrão, já falecido. Dois anos depois de estreiar no canal, a jornalista foi convidada pelo então diretor de Jornalismo, Evandro Carlos de Andrade, a apresentar, junto com Renato Machado, o Bom Dia Brasil, na Globo. Além de atuar no Bom Dia Brasil, ela participou também das coberturas de carnaval, em 2008, passou a comandar o programa Estúdio I, convidada pelo diretor de Jornalismo Luiz Cláudio Latgé.

Maria Beltrão concedeu a entrevista para nossa pesquisa após a apresentação do programa. A conversa foi realizada antes de a jornalista ingressar na reunião de pauta, no próprio estúdio do programa com a presença dos produtores, editores de texto e do editor-chefe.

A apresentadora afirmou que conduz o programa informalmente. À frente da revista eletrônica há dez anos acompanhou as mudanças na estrutura; inicialmente era apenas apresentada por ela, até as reformulações feitas com a mesa, incluindo os comentaristas. Segundo Maria, o *Estúdio I* passou a contar mais tempo na programação, também com a utilização de mais recursos tecnológicos o que garante a essa interatividade e vem ao encontro do jeito da apresentadora que se confessa uma “conversadeira”.

Durante a entrevista, Maria comentou que, desde sempre, gostou de conversar, ouvir e contar histórias. Disse que costuma acrescentar aos assuntos discutidos durante o programa informações repassadas por suas

fontes. Quando possível, revela, inclusive a identidade dessas fontes. Sobre o formato do programa, ela acredita que permite evitar barreiras, ou deixá-las mais fluídas.

A apresentadora percebeu que os programas de televisão precisaram passar por mudanças que ultrapassassem às esferas estruturais das emissoras; está sendo necessário encarar a reinvenção: enquanto o conteúdo jornalístico é produzido, as pessoas já sabem das notícias praticamente no mesmo tempo que os profissionais de comunicação têm acesso a elas. Sobre isso, ela destacou que, durante a apresentação do *Estúdio I*, é possível – por exemplo – com a ajuda da produção e das redes sociais, trazer as notícias na medida em que elas acontecem.

Dentro dessa atividade e celeridade da obtenção de informações, o grande problema é quando elas não são verdadeiras: são fakes news. Cita um fato quando, durante um programa, uma informação de que a sede do Detran no Rio de Janeiro havia sido invadida foi exibida na *Janela Interativa* do programa. A publicação foi feita por um telespectador via Twitter e, mesmo com dois filtros existentes antes da exibição da informação, a notícia acabou sendo repassada pela produção do programa. Beltrão comentou que após checar, no Twitter da Polícia Militar, foi confirmado que se tratava de um boato.

Segundo a apresentadora, atualmente é preciso realizar um jornalismo mais conversado. Beltrão disse que esse estilo não deixa de lado a verdade, o que é para ela base na profissão. Ela afirmou ver – com o passar dos anos – o quanto há novas possibilidades de os jornalistas acessarem as informações.

Um brasileiro entra por Skype, como entrou em Barcelona, a nossa própria correspondente entrou pelo próprio celular dizendo “olha eu tô pegando o trem saindo de Madri indo para Barcelona”. Dentro do trem, com o trem em andamento, isso faz toda a diferença.

A âncora acredita que os telespectadores gostam de saber do que acontece nos bastidores do programa *Estúdio I*. Mencionou que o público percebe que o programa destruiu a barreira do “teatro”; para ela, o telespectador consegue perceber, inclusive, os erros que acontecem durante a exibição. Ainda conforme ela, a equipe é cobrada por isso, os erros são apontados mais rapidamente com os recursos disponíveis para o público.

O 11 de setembro foi um exemplo, eu traduzi um discurso do George W. Bush. Traduzi um discurso do François Hollande. Então aí, a

gente aprendeu na “marra” o que é esse novo jornalismo que estamos aprendendo ainda. Então eu acho que o Estúdio I é mais um “avancinho” em relação a essa televisão mais conversada, mais improvisada em que os apresentadores têm que se expor muito mais do que antes.

Ao longo da pesquisa, percebemos tais mudanças referidas pela apresentadora. Ao mesmo tempo que as chamadas eram gravadas, os profissionais da área técnica pediam para os repórteres, que iriam entrar ao vivo, modularem o áudio, e analisavam a qualidade das imagens. Na medida que as notícias chegavam e eram atualizadas, alguns processos não estavam no controle da equipe.

Figura 42– Maria Beltrão e o time de comentaristas durante o programa Estúdio I durante a pesquisa do Mestrado



Fonte: Mateus Koelzer.

Figura 43–Tecnologias disponíveis para facilitar a interatividade com o telespectador. Mais espaço também para os cinegrafistas e auxiliares técnicos circularem pelo estúdio



Fonte: Mateus Koelzer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o programa possua um formato diferente dos demais exibidos pela GloboNews, a utilização e apropriação das fontes não ocorre de maneira tão diferente. Mesmo sendo uma revista eletrônica, o programa também exhibe depoimentos de fontes, às vezes integralmente; entretanto – em determinados momentos – são apenas utilizados pequenos trechos, já, em outros casos, depoimentos mais curtos, como, por exemplo, na editoria de política. É nesta editoria que assuntos envolvendo parlamentares, normalmente, recebem mais atenção; nela a produção do programa procura realizar transmissões ao vivo de pronunciamentos de autoridades e fontes oficiais.

No dia da observação, um vídeo foi impossibilitado de entrar no ar devido a problemas técnicos, e a equipe precisou alterar a ordem de exibição das notícias que estavam no programa para que o ruído não ficasse evidente no ar. A falta ou a não exibição destas imagens comprometeria o teor da discussão. O ruído foi controlado no switcher do *Estúdio I*. A manobra revelou a necessidade de mais profissionais integrarem a equipe para o pleno funcionamento do programa. Analisamos que tal medida iria possibilitar maior controle dos processos jornalísticos; conseqüentemente, mais assertividade na tomada de decisões por parte da direção. A inovação – portanto – perpassa as esferas tecnológicas: requer não só os aparatos técnicos, mas mão de obra disponível para a execução dos trabalhos e solução dos ruídos e imprevistos tão presentes no jornalismo atual. O desafio do programa em acompanhar as mudanças tecnológicas é complexo. Se analisarmos dois anos atrás, o público utilizava majoritariamente o Facebook; hoje predomina o uso do Instagram, a execução de lives. Certamente, daqui a dois anos, outra tecnologia pode suceder as que mencionamos. O desafio do *Estúdio I* é ao vivo, assim não permite demora para aprofundar temas e dar espaço para a opinião mais elaborada dos telespectadores. Ainda no que tange aos aspectos tecnológicos, a revista eletrônica precisa acompanhar as inovações e – conjuntamente – dar voz e espaço à pluralidade do público, fator não adotado integralmente como referido pela direção do programa.

É possível notar uma notória preocupação de inovar e tornar o programa *Estúdio I* dinâmico e rápido; para que tais pressupostos aconteçam

percebemos – na pesquisa – que é necessário melhor integrar a equipe em todos os processos jornalísticos. Essa medida garantiria a redução nas falhas existentes. Ainda nos aspectos de equipe, a inclusão de novos editores de texto também seria uma forma de facilitar o andamento e planejamento do programa, bem como não sobrecarregar os profissionais, que precisam – muitas vezes – exceder a carga horária considerada compatível com o que se entende como a que requerem as condições dignas de trabalho. Observamos evidenciada a preocupação em dar voz a todos. Para isso, é preciso que de fato as interlocuções dos agentes sejam mais que recebidas, ouvidas e exibidas.

Percebemos, durante a pesquisa, que existe uma manipulação das opiniões, inclusive, das que já foram filtradas. A apresentadora dispõe de um computador onde estão os comentários que podem ser lidos a qualquer momento. No dia da pesquisa de campo, ficou claro que a produção pode mudar a ordem de tudo. A apresentadora, ao longo do programa, não realizou a leitura de muitas mensagens que estavam disponíveis; o conteúdo encaminhado pelos telespectadores foi apagado do computador. O tempo neste sentido foi utilizado como uma justificativa para responder o aspecto não atendido. Seria ele um fator que pode ser observado como potencial barreira. Outro aspecto evidenciado na pesquisa é que a produção busca alertar pelo ponto eletrônico utilizado pela apresentadora que determinado assunto que não foi abordado, deveria ser mencionado. Mais uma forma de tentar trazer a opinião do público que interagiu por meio da internet.

A televisão e o público necessitam de uma interação; o público sabe ao que assiste e ao que deseja assistir, não é mero passivo diante da tela. O dever do jornalista com o telespectador é ter o compromisso ético de comunicar a verdade correspondente ao fato. A televisão é um circuito fechado, percebemos que nas redações os jornalistas falam uns com os outros, porém, muitas vezes não se preocupam com aqueles que mais importam nesta rede noticiosa, neste caso, os telespectadores.

Podemos ver, durante nossa pesquisa, que o jornalismo precisa ser redefinido tanto pelo mercado, quanto pelas novas tecnologias utilizadas pelos profissionais de comunicação. Evidenciamos que os jornalistas são apenas uma das variadas categorias de atores que deveriam ser mobilizadas para

determinar os fatos que viram notícias. São necessários muitos desdobramentos nas rotinas produtivas para transformar um fato em acontecimento. Mesmo na notícia tradicional, é preciso que o jornalista se aproprie totalmente do fato sem nunca esquecer da importância exercida pela fonte.

Há também nestes processos de mediações, por exemplo, as empresas que também atuam na interferência do fazer notícia: na cadeia, no fato e no transformar do acontecimento noticioso. Atualmente, além das instituições, a internet e os meios tecnológicos ganharam maior autonomia. Podemos afirmar que não é mais necessário que a fonte chegue presencialmente ao jornalista. Por exemplo, determinado sujeito que faz papel de fonte pode repassar a informação que obteve e encaminhá-la sem dificuldades para a redação do programa *Estúdio I*. Pela rede social, os profissionais da comunicação podem se apropriar deste conteúdo que pode ser passível de se tornar notícia.

As fontes e os atores que antes confluíam, hoje se fragmentaram. Esta evidência constatada durante nossa pesquisa mostra que o público – não significando a mesma coisa que audiência – e os telespectadores querem sua posição de fala. Público é constituído por sujeito coletivo e pode se diversificar em torno de experiências diferentes: há públicos diferentes, enquanto a audiência parece ser homogênea, embora – tecnologicamente – ela seja segmentada.

O programa *Estúdio I* mostra uma característica intrínseca aos estudos de fontes jornalísticas. A credibilidade da imprensa sempre decorreu daquele lugar privilegiado, local onde o jornalista ocupava a posição de destaque ou como mediador. Porém, os efeitos de hoje como de simultaneidade trazem uma nova realidade. Características impostas pela era da internet são as já sedimentadas pelo mundo da comunicação eletrônica, isso altera as coordenadas de espaço e tempo.

Esta nova esfera aumenta o direito de o público exercer seu poder de comunicar. Este espaço é ampliado na medida do avanço das novas tecnologias como Skype, Twitter e Facebook, que facilitaram o acesso à comunicação, mas também trouxeram para a discussão um novo debate: na medida que o sujeito adentra o espaço virtual e se comunica, emerge deste novo contexto uma possível forma de agendamento dos fatos noticiosos.

Emerge –daí – um novo tipo de relacionamento entre o público e o conhecimento da realidade dos fatos. Aquilo que agora se considera verdadeiro é – na verdade – só uma das inúmeras possibilidades de cada acontecimento relatado ser veiculado.

O espaço eletrônico se transformou em uma espécie de ponte para o mundo; com a segmentação ou diversificação que ele oportuniza pode se encaminhar na direção de uma comunicação mais plural onde todos possam ser ouvidos. Presenciamos, durante nossa pesquisa de campo, a notória censura e o cerceamento das informações que chegam até a redação. Embora existam as novas tecnologias, elas se deparam com barreiras estritamente hierárquicas onde a decisão final é perpassada por atitudes às vezes nada democráticas. A decisão final, editorial, acaba sendo definida pela direção do programa que não exime a opinião ou linha editorial do Grupo Globo. Estas mudanças no contexto profissional já agitam os velhos jornalistas. Isso já pode ser visto nas estratégias empresariais que têm preferido jornalistas recém formados cujo salário é menor que os dos experientes.

Concluimos que o jornalista da nova era precisa se transformar do clássico mediador que era aquele que fazia ponte entre cidadão e esfera pública e fazer deste novo jornalista espécie de perito da interação. Ele fica especializado das interações com as fontes de um polo e no outro com os públicos. Ele portanto, se torna capaz de encaminhar de acordo com um dos dois polos os interesses. Então no limite, o jornalista fica definido como um perito nas perícias dos outros: que são as fontes dele. Ele é perito naquilo que o outro é perito. Não pode haver dúvidas do poder da comunicação, das fontes e das novas tecnologias. Portanto, um campo a ser reestudado e possivelmente redefinido. As novas relações interativas devem ser estudadas para ver onde o jornalismo pode se encaminhar nestes novos tempos onde as tecnologias passam a avançar cada mais freneticamente.

REFERÊNCIAS

ARBEX JR. José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 2.ed. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

BARBEIRO, Herodoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2005.

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Ciberacontecimento e jornalismo digital: o impacto do compartilhamento e da produção de sentidos nas práticas jornalísticas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 2, p. 342-358, set. 2015.

BOYD, Danah. Social Network Sites: Public, Private, or What?. **Knowledge Tree**, 13, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas** - Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARDOSO, João Batista Freitas. **Cenário televisivo: linguagens múltiplas fragmentadas**. São Paulo: Annablume, 2009.

CARDOSO, Ruth.(org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

CASTELLS, Manuel. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. **International Journal of Communication**, Los Angeles, v. 1, p. 238-266, 2007. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46>. Acesso em: 30 maio 2018.

DEUZE, Mark. The media logic of media work. **Journal of Media Sociology**. University of Illinois, v.1, n. 1/2, p. 22-40, 2009. Disponível em: <http://www.marquettejournals.org/images/JMSVol1Nos12.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-82.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho. A realidade da comunicação – visão geral do Fenômeno. *In*: GUARESCHI, Pedrinho. **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 13-22.

HENN, Ronaldo. **Jornalismo e Acontecimento** – Diante da Morte. Florianópolis: Insular, 2012.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas**: Compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEMONS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **Logos**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 15-19, jan. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14575/11038>.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e o alcance desta pesquisa. *In*: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MARCONDES FILHOS, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: **Hacker** Editores, 2000.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida de(org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de Televisão**: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

OFFERLÉ, Michel. **Sociologie des groupes d'intérêt**. Paris: Montchrestien, 1994.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PICCININ, Fabiana. O processo editorial na TV: as notícias que os telejornais contam. *In*: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Edição em Jornalismo**: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 139-154.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. *In*: **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v. 14, n. 1-2, p. 277-294, 2000.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. *In*: PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 13-32.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. Reflexões sobre as pesquisas em TV no Brasil - propostas metodológicas e formas de análise dos telejornais. **Intexto**, Porto Alegre, ed. especial 20 anos do PPGCOM UFRGS, n. 34, p. 146-162, set./dez. 2015.

RECUERO, Raquel. A Conversação Como Apropriação Na Comunicação Mediada Pelo Computador. *In*: BUITONI, Dulcilia Schroeder; CHIACHIRI, Roberto. (org.). Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo. São Paulo: Almedina, 2012a. p. 259- 274. [versão rascunho].

RECUERO, Raquel. **Conversação em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012b.

REZENDE, Guilherme Rocha de. O Discurso Jornalístico e o Discurso Ficcional na Televisão Brasileira. *In*: **XXVIII Congresso da INTERCOM**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais. *In*: PRIMO, Alex. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo** – por que as notícias são como são?. Florianópolis: Ed. Insular, 2004.

TRAVANCAS, Isabel; FERREIRA, Sonia. Antropologia da mídia: um campo em construção no Brasil e em Portugal. **Revista FAMECOS**, v. 21, n. 2, p. 10-12, 2014.

VEIGA, Marcia da Silva. **Masculino, o gênero do jornalismo** – modos de produção das notícias. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução: Isabel Crossetti. Porto Alegre, Sulina, 2003.